

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

LUCY DUARTE COSTA

**DISLEXIA, UM DISTÚRBO CERCADO DE PRECONCEITOS: DESAFIOS
ENFRENTADOS POR UMA GESTÃO ESCOLAR VOLTADA PARA A ÉTICA DO
CUIDADO**

São Leopoldo

2022

LUCY DUARTE COSTA

**DISLEXIA, UM DISTÚRBO CERCADO DE PRECONCEITOS: DESAFIOS
ENFRENTADOS POR UMA GESTÃO ESCOLAR VOLTADA PARA A ÉTICA DO
CUIDADO**

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Religião e
Educação
Linha de Atuação: Ética e Gestão

Pessoa Orientadora: Profa Dra Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837d Costa, Lucy Duarte

Dislexia, um distúrbio cercado de preconceitos: desafios enfrentados por uma gestão escolar voltada para a ética do cuidado / Lucy Duarte Costa ; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo: EST/PPG, 2022.
69 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2022.

1. Dislexia. 2. Preconceitos. 3. Ética do cuidado. 4. Gestão escolar. I. Brandenburg, Laude Erandi, orientadora. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

LUCY DUARTE COSTA

**DISLEXIA, UM DISTÚRBIO CERCADO DE PRECONCEITOS: DESAFIOS
ENFRENTADOS POR UMA GESTÃO ESCOLAR VOLTADA PARA A ÉTICA DO
CUIDADO**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Religião e Educação
Linha de atuação: Ética e Gestão

Data de Aprovação: 09 de janeiro de 2023

PROF.^a DR.^a LAUDE ERANDI BRANDENBURG (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. JOSÉ CAETANO ZANELLA (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. BELMIRO MEDEIROS DA COSTA JUNIOR (IME)
Participação por webconferência

Dedico esta pesquisa dissertativa aos meus adorados filhos, pelo muito que significam em minha existência, em especial à minha filha Prisciane, que muito tem sofrido com o transtorno da dislexia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora Profa. Dra. Laude Erandi Brandenburg pelos ensinamentos, dedicação e segura orientação.

A amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de AMAR!

Paulo Freire

RESUMO

O objeto desta dissertação é o estudo da dislexia, direcionado ao ambiente educacional, a fim de possibilitar o desenvolvimento de estratégias por parte das pessoas gestoras, assim como refletir sobre questões voltadas à dislexia. Objetiva-se a disseminação do conhecimento sobre como amenizar o preconceito sofrido pelas pessoas disléxicas, contribuindo para sua ressocialização, tanto no ambiente escolar, quanto na sua vida social como um todo, direcionando o olhar para a gestão da ética do cuidado. Pesquisas realizadas em vários países mostram que cerca de 10% a 15% da população mundial é disléxica, daí, ser perfeitamente justificável a escolha do tema. Para a elaboração do estudo, optou-se pela utilização de metodologia fundamentalmente bibliográfica, documental e digital, utilizando como fontes a doutrina, a legislação, além de experiência obtida no âmbito profissional da docência. Foram consultados, para a composição da parte bibliográfica do levantamento de dados, especialistas na área, como Calafange (2001), Capovilla (2001), Estill (2003) e Hout e Estienne (2001), entre outros.

Palavras-chave: Dislexia. Preconceito. Ética. Cuidado. Gestão Escolar.

ABSTRACT

The object of this dissertation is the study of dyslexia, directed to the educational environment, in order to enable the development of strategies by management people, as well as to reflect on issues addressed to dyslexia. The objective is to disseminate knowledge on how to alleviate the prejudice suffered by dyslexic people, confident for their resocialization, both in the school environment and in their social life as a whole, directing their attention to the management of the ethics of care. Surveys carried out in several countries show that about 10% to 15% of the world's population is dyslexic, hence the choice of theme is perfectly justifiable. For the elaboration of the study, it was decided to use a fundamentally bibliographical, documentary and digital methodology, using as sources the doctrine, the legislation, in addition to the experience learned in the professional scope of teaching. Specialists in the area, such as Calafange (2001), Capovilla (2001), Estill (2003) and Hout and Estienne (2001), among others, were consulted for the composition of the bibliographic part of the data collection.

Keywords: Dyslexia. Prejudice. Ethic. Caution. School management.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 ASPECTOS CONCEITUAIS DA DISLEXIA	23
2.1 DISLEXIA: CONCEITUAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA PESQUISA.	23
2.1.1 A Dislexia e a escola.....	33
2.1.2 A Dislexia e a legislação educacional	35
2.1.3 A formação da pessoa docente.....	37
2.1.4 Dislexia e a sala de aula	39
3 A ÉTICA E GESTÃO VOLTADA PARA O CUIDADO.....	41
3.1 CARACTERIZAÇÃO E CONCEITUAÇÃO DA ÉTICA	41
3.2 CONHECIMENTO DA ÉTICA DO CUIDADO.....	45
3.3 CONTRIBUIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE BASEADA NA ÉTICA DO CUIDADO.....	48
3.4 GESTÃO VOLTADA PARA A ÉTICA DO CUIDADO.....	51
3.5 DIRECIONAMENTO DAS PESSOAS DOCENTES	54
4 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS	67

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar ainda é um local cercado de preconceitos, porque os sujeitos sociais que frequentam esse espaço educativo estão inseridos em uma sociedade discriminatória, em que, na maioria das vezes, o respeito às diferenças é algo raro e até mesmo inexistente. Isso é perceptível, principalmente na sociedade brasileira, que detém um grande número de pessoas cidadãs aculturadas, que além de não terem o hábito literário por fatores de origem histórica, política, econômica, dentre outros, também não conseguem completar ou concluir os estudos, pelos motivos supracitados.

É claro que nem todas as pessoas agem de maneira preconceituosa, mas a ocorrência de tal evento é fato comprovado e existem muitos estudos acerca dessa problemática. Nessa perspectiva, é necessário que as discussões sobre o respeito às diferenças no cenário educacional brasileiro se intensifiquem, para que pessoas discentes que sofrem diferentes tipos de preconceitos e de outras situações constrangedoras, nos espaços internos da escola, possam sentir-se seguros e seguras, favorecendo o acolhimento não somente pela família, como também pelos profissionais do ambiente educativo e de outros segmentos sociais que frequentam.

As equipes de trabalho dos estabelecimentos de ensino podem promover estudos internos para evitar que pessoas discentes com distúrbio de dislexia, sejam discriminadas por colegas ditos “normais”. Todas e todos envolvidos na escola podem dar o devido aporte, de modo a atender os discentes e as discentes em suas necessidades especiais. As pessoas gestoras devem estar na linha de frente, apoiando tanto a clientela estudantil quanto os docentes, para a promoção de um clima ético e de respeito às alteridades, nesse local.

Nesse sentido, diversos questionamentos surgem por parte de pessoas gestoras pedagógicas escolares. Como estudantes com dislexia podem ser ajudados e ajudadas, na questão do preconceito que sofrem no ambiente escolar, a partir de ações interventivas propostas por uma gestão escolar baseada em valores éticos? Como deve ser feita a intervenção por parte das pessoas? Como as autoridades governamentais podem ajudar a solucionar esse problema escolar, para que alunos e alunas tenham seu direito respeitado? Como toda a comunidade

escolar pode contribuir para amenizar esse conflito na instituição de ensino? Por que os/as colegas discriminam discentes disléxicos e disléxicas? O que é dislexia e quais os seus sintomas?

É indiscutível que com todo esse questionamento supramencionado não se desperte para a seguinte pergunta: Como estudantes com dislexia podem ser ajudadas e ajudados nas questões do preconceito que sofreram e sofrem no ambiente escolar, a partir de ações interventivas propostas por uma gestão baseada em valores éticos?

Para tal propósito, faz-se necessária a solicitação de parcerias específicas, principalmente das autoridades governamentais, no intuito de ajudar com as devidas intervenções, como a contratação de equipe multidisciplinar de profissionais, assim como a aquisição de recursos materiais para a realização de atividades, objetivando a resolução do problema. Não é e nem será uma tarefa fácil, mas é um bom começo, para que todas as pessoas discentes tenham os seus direitos respeitados e em consequência disso, validados.

Ademais, a gestão de um conflito como esse, dentro do estabelecimento de ensino, requer a participação de toda a comunidade escolar, no sentido de revertê-lo ou até mesmo de equacioná-lo. As pessoas gestoras precisam estar atentas ao que docentes e corpo profissional sinalizam sobre os eventuais problemas da instituição. Dirigentes escolares precisam estar a par de tudo o que acontece dentro e fora da unidade de ensino, de modo a intervirem positivamente e orientarem a toda a comunidade escolar, para que o trabalho em conjunto seja sinérgico e reduza ao máximo esses e outros conflitos, pelo fato de o ambiente escolar desempenhar um papel social ímpar na vida dessas crianças e desses jovens.

No sentido de minimizar os conflitos ocorrentes nas salas de aula, no que diz respeito a discentes disléxicos ou disléxicas e aos preconceitos que sofrem perante colegas, quando existem dificuldades nas realizações das atividades pedagógicas referentes à leitura e à escrita, vale ressaltar que muitos alunos e alunas que os discriminam são pessoas leigas no assunto aqui em pauta.

O objetivo deste estudo é investigar como disseminar o conhecimento para minimizar as situações de preconceito sofridas por parte de discentes disléxicos,

bem como promover ações interventivas, por meio de uma gestão humanizada e equilibrada, baseando-se em valores éticos.

Em vista do exposto é necessário contextualizar aspectos da aprendizagem, fundamentando-se no problema em pauta, bem como analisar a atuação das equipes de trabalho das unidades escolares, acerca da resolução do problema apresentado, além de elencar as habilidades de uma gestão equilibrada baseada em valores éticos do cuidado.

São inúmeras as dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem que perpassam o ambiente educativo. Entretanto, a dislexia é a de maior incidência, e é importante que se dê toda a atenção à questão por parte do corpo de pessoas gestoras de política educacional. Conforme Estill,¹ a escola não é somente o lugar de aprendizagem acadêmica, mas também o da aprendizagem da vida. O autor afirma que é preciso haver lugar para todas as pessoas, pois é através da convivência e da aceitação das diferenças pessoais, que se aprende a construir uma humanidade com valores de justiça e generosidade.

À luz desse pensamento, entende-se que a criança com dislexia quer aprender a ler e conviver harmoniosamente com colegas, e ela pode concretizar este desejo e a necessidade de obter sucesso em sua vida acadêmica, encontrar o devido acolhimento e a compreensão por parte de seus familiares e profissionais da educação. Inclusive, a pessoa disléxica não é considerada com deficiência mental, física, auditiva, visual ou múltipla.

A criança com dislexia não tem o seu desenvolvimento comprometido por causa de fatores alimentares ou ambientais, dentre outros. A pessoa disléxica pode apresentar talentos na arte, na música, no teatro, nos desportos etc. Fundamentada nesse entendimento, a escola precisa evitar que esses sujeitos sociais sofram com situações preconceituosas e auxiliá-los em suas limitações relacionadas ao aprendizado da leitura e da escrita, por meio de uma atenção especializada e de um ensino diferenciado que possibilitem o desenvolvimento de competências e habilidades fundamentais ao seu sucesso acadêmico, e em decorrência disso, à sua emancipação enquanto sujeito social.

¹ ESTILL, Clélia Argolo. **Para Início de Conversa**. São Paulo: AND, 2003, p 05.

A dislexia é o distúrbio de maior incidência nas salas de aula, principalmente em escolas da rede pública. Esse problema é definido como um transtorno de aprendizagem nas áreas da leitura, da escrita e da soletração. Algumas pesquisas foram realizadas em vários países e mostram que cerca de 10% a 15% da população mundial é disléxica. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, a dislexia não resulta de fatores como a má alfabetização, a desatenção, a condição socioeconômica ou a baixa inteligência, mas é o resultado de uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando também anormalidades no padrão neurológico.

A pesquisa será direcionada ao ambiente educacional das instituições públicas de ensino básico e tem como proposta discutir as possibilidades do desenvolvimento de estratégias por parte das pessoas gestoras, tanto para resolver questões voltadas à dislexia, quanto para minimizar o preconceito sofrido pelas pessoas disléxicas, contribuindo para sua adequada inclusão escolar.

A primeira parte traz um aparato global referente aos principais aspectos da dislexia, possibilitando o entendimento conciso sobre a presente explanação. Fora iniciado com destaque aos pontos históricos dos estudos sobre a dislexia, ressaltando ainda o processo de ensino e aprendizagem no Brasil, bem como a dislexia e a escola.

Em ato contínuo menciona os aparatos legais da legislação vigente sobre o tema supracitado, em sequência elenca a necessidade de orientação prévia na formação da pessoa docente.

Esse capítulo destaca a essencialidade de perceber dificuldades específicas da dislexia em sala de aula, assim como de lidar com o problema em questão em diversas fases do ensino básico. Registre-se que as intervenções em sala de aula são diversificadas das intervenções realizadas pela gestão escolar.

Já o terceiro capítulo, inicialmente, caracteriza e conceitua a ética estendendo-se para a ética do cuidado, ainda faz alusão da visão da espiritualidade correlacionando com uma gestão baseada nessa ética.

Nesse contexto, há a finalização do presente capítulo, evidenciando a eminência de intervenções de estratégias direcionadas pelo corpo docente, para lidar com o problema em questão.

Fora identificado que, de maneira geral, os indivíduos ainda possuem preconceitos para com as pessoas com dificuldade de aprendizado, por muitas vezes, definindo-as como discentes preguiçosos/as. Contudo, há uma amplitude de estudos consolidados sobre o tema abordado de maneira interdisciplinar.

2 ASPECTOS CONCEITUAIS DA DISLEXIA

Esta primeira parte da dissertação subdivide-se na sistematização da dislexia, focando nos principais aspectos da temática em questão. Inicia-se conceituando dislexia e leitura, logo depois, é feita alusão ao histórico, conhecimento, aparato legal da dislexia no Brasil e no mundo. Finalizando com a correlação entre o tema abordado, a escola e a formação de pessoas docentes, enfatizando ações preventivas e corretivas a fim de minimizar o sofrimento de crianças e adolescentes disléxicos no ambiente escolar.

2.1 DISLEXIA: CONCEITUAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA PESQUISA.

A dislexia é uma dificuldade na aprendizagem da leitura que atinge cerca de 30% da população em se tratando de incidência global dos transtornos da aprendizagem, 10% considerando-se critérios mais específicos, desta forma constitui-se em um problema social de grande gravidade.²

O primeiro estudioso que se interessou em investigar crianças disléxicas foi O médico inglês W. Pierce Morgan. Em suas investigações ele acompanhou um menor de 14 anos que tinha dificuldade para ler e escrever. Apesar de aparentemente apresentar condições intelectuais normais, ele não reconhecia as palavras. Tal característica ele considerou como perturbações de afecção congênita.³

Devido ao que Morgan chamou de “perturbações de afecção congênita” se aplica apenas à dificuldade da criança no processo de aprendizagem da leitura, novas pesquisas se fizeram necessárias, pois a criança estudada por esse autor apresentava outras dificuldades. Destaca-se também a descoberta que a incidência da dislexia era maior em meninos, mediante as inúmeras pesquisas. Sobre suas

² CALAFANGE, MF. **Dislexia em Questão**: quando o professor faz a diferença. 2001. Disponível em: www.aescola.com.br. Acesso em: 22 set 2021, on-line.

³ Morgan WP. A case of congenital word blindness. *In*: Shaywitz S.E.; Shaywitz B. A. Dislexia precoce e seu impacto sobre o desenvolvimento socioemocional inicial. **Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância**. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/disturbios-de-aprendizagem/segundo-especialistas/dislexia-precoce-e-seu-impacto-sobre-o>. Acesso em: 26 de jan. de 2022, on-line.

concepções pode-se destacar ainda que ele acreditava que a dislexia não era uma doença patológica e que as crianças que apresentavam características desse distúrbio com o passar dos anos, iriam diminuindo suas dificuldades na aquisição da leitura e da escrita.⁴

Mesmo com as contribuições de Morgan, a dislexia ainda era um enigma. John Kingsley Orton, conhecido pelo pseudônimo de Joe Orton, foi um dramaturgo, oscilou muitas vezes na sua teoria com relação à dislexia após ter examinado 3.000 pessoas disléxicas de todas as idades. Defendeu inicialmente que a dificuldade de ler estava associada a uma anomalia do cérebro.⁵

Logo, concluiu que os sintomas apresentados nos indivíduos não eram de alternância de funções dos hemisférios e sim uma dominância hemisférica mista o que significava dizer que o lado esquerdo do cérebro estaria às vezes fazendo o que o lado direito deveria fazer e vice-versa, ele acreditava que para ser disléxico o indivíduo teria as funções dos seus hemisférios invertidos. Através das suas constatações com esses indivíduos percebeu que a inversão se dava apenas no momento em que se encontra em conflito, com suas ideias alterando momentaneamente suas percepções⁶.

Um fato que exemplifica essa troca de papéis dos hemisférios direito e esquerdo é quando a criança é solicitada a ler e escrever. Neste momento ocorrem inversões e omissões de letras e palavras, bem como substituições de sons. Além disso, a criança enxerga as letras espelhadas (em vez de ver o “J” assim, ela enxerga dessa forma (“L”). Esse processo de leitura errônea é denominado de estrefosimbolia⁷.

Esses estudos de forma individual serviram de base e foram aproveitados por outros estudiosos, sendo continuados por volta de 1920, por uma corrente de pesquisadores formada por uma equipe pedagógica e educadora que questionou a hipótese médica de uma causa única para o problema de aprendizagem da leitura.

⁴ Morgan, 1896 *apud* Shaywitz S.E.; Shaywitz B. A., 2022, on-line.

⁵ SILVA, M. Centro de Formação José Pereira Tavares. **Associação de Escolas do Conselho de Aveiro**. 2002. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/cmsilva/index.htm>. Acesso em: 22 fev. 2022, on-line.

⁶ HOUT, A.; ESTIENNE, F., 2001, p. 17.

⁷ SILVA, 2022, on-line.

Nesse sentido, acreditavam que o processo de aquisição da leitura dependia de múltiplos fatores e que, por esse motivo, as dificuldades também teriam múltiplas causas. Passaram a responsabilizar as dificuldades de aprendizagem a uma pedagogia deficitária, um ambiente defeituoso, um transtorno psicológico ou uma falta de estimulação. A dislexia passa a ser entendida apenas como uma forma extrema de atraso de leitura.⁸

As pessoas disléxicas muitas vezes apresentam um déficit de processamento visual, verbal e/ou temporal, podendo ocasionar um déficit no processamento de informação em todas as suas etapas (percepção, nomeação, repetição, armazenamento, recuperação e acesso à informação).⁹

Uma concepção relacionada ao tipo de pedagogia adotada no âmbito educacional é apresentada por Calafange¹⁰ que afirma:

A dislexia é uma alteração nos neurotransmissores cerebrais que impede uma criança de ler e compreender com a mesma facilidade que faz a criança da mesma faixa etária (que não é disléxica), independentemente de qualquer causa (intelectual, cultural ou emocional).

Portanto, a dislexia é um problema de base cognitiva que afeta as habilidades linguísticas associadas à leitura e à escrita, surgindo os problemas apenas quando o indivíduo adentra o ambiente escolar e passa a ter contato com o mundo da lecto-escrita (leitura e escrita).

Assim, o desenvolvimento da dislexia depende em parte dos métodos adotados por docentes em sala de aula que auxiliem a aquisição das habilidades da leitura e da escrita, podendo assim ser agravados ou minimizados.¹¹

Os primeiros estudos registrados sobre a dislexia, pelo oftalmologista inglês Morgan, investigaram crianças que tinham grande dificuldade na aprendizagem da leitura, denominando essa dificuldade de cegueira verbal. Acreditavam que no

⁸ HOUT A.; ESTIENE, F. 2001, p. 38.

⁹ WHITAKER, R.; PINTO, S. **Psicopedagogia e Dislexia**: abordagem para atuar com alunos disléxicos. São Paulo: Livro Jornadas, 2002, p. 23.

¹⁰ CALAFANGE, S. **Dislexia ou Distúrbio da Leitura e da Escrita?** 2001. Disponível em: www.eduquenet.net. Acesso em: 24 set 2021.

¹¹ CALAFANGE, S., 2001, on-line.

cérebro existiam áreas separadas para diferentes tipos de memória, uma memória visual geral, uma memória visual de letras e uma memória visual de palavras.¹²

Atribuía a dificuldade de leitura a uma deterioração de origem congênita que afetava a memória visual de palavras gerando, assim, a cegueira verbal congênita.¹³

No Brasil, enfatizou-se que as defasagens apresentadas pelas crianças das camadas populares durante o processo de aprendizagem da leitura, não estão associadas a um distúrbio de aprendizagem, mas sim, a uma diferença nos níveis de conhecimento. Pois as crianças das camadas mais favorecidas da população, vivem em ambientes que valorizam a leitura e a escrita e também têm acessos a instrumentos didáticos (livros, celulares, redes sociais, internet, canetas, lápis, papel etc.) precocemente. Desta forma, não se deve interpretar as desvantagens culturais, como causadoras da capacidade de aprender ¹⁴.

Em relação às diferentes camadas sociais existentes e suas desigualdades que levam a uma aprendizagem deficitária, percebe-se que o indivíduo muitas vezes não tem acesso a uma educação de qualidade que possa desenvolver suas habilidades e favorecer a igualdade de oportunidade. Esse desnível social não causa a dislexia, apenas dificulta parte da aprendizagem, pois o ambiente em que esses indivíduos convivem na maioria das vezes não o prepara para superar as dificuldades existentes no processo de aprendizagem, levando muitas vezes a serem rotulados como “burros” ou “desinteressados”. ¹⁵.

Quanto ao conceito de leitura, Ciasca, defende que:

A leitura é uma atividade complexa e não um processo natural. Portanto, é necessário que se compreenda tudo o que é preciso para que se possa ler bem. Pode-se observar uma série de aspectos relacionados à leitura: por um lado as atividades de análise, incluindo identificação de letras (decodificação) e reconhecimento de palavras (acesso direto ao dicionário mental); de outro, os processos de construção, que incluem integração sintático-semântica (construção frasal e significado), acesso ao significado (explícito e implícito), compreensão de enunciados (importante para todas

¹² Morgan, 1896 *apud* Shaywitz S.E.; Shaywitz B. A., 2022, on-line.

¹³ NICO, M. A. **Dislexia**. Disponível em: www.dislexia.org.br. Acesso em 24 set. 2021.

¹⁴ BRYANT, P.; BUARQUE, L.; NUNES, T. **Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p 16.

¹⁵ MARTINS, Vicente. **Linguística Aplicada às Dificuldades de Aprendizagem Relacionadas com a Linguagem: dislexia, disgrafia e disortografia**. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/vicente.martins>. Acesso em: 10 set. 2022.

as disciplinas e não só o português) e relação com conhecimentos prévios (que ancora a aprendizagem e permite a realização de inferências). Certamente uma leitura baseada somente na análise será insuficiente. Sem a possibilidade de construir, o objetivo final da leitura, que é compreender, interpretar, estabelecer relações, realizar inferências etc. fica prejudicado. Entretanto, as funções de identificar letras e reconhecer palavras são específicas da leitura, e, portanto, fundamentais para a mesma. Da mesma forma, a leitura baseada apenas na construção pode trazer uma série de problemas, como adivinhação de palavras e pouca habilidade para manipulação dos elementos menores das palavras, o que pode deixar a leitura pouco econômica.¹⁶

Ciasca deixa claro o quão é complexo e minucioso o ato de ler, pois para se obter uma boa leitura é necessário um leque de habilidades.

Não é simplesmente o fator codificação de letras e signos que irão interferir no entendimento do texto, visto que a leitura perpassa não só pela capacidade e competência linguística, mas também, pelo processo semântico de compreensão textual, entendimento e conseqüentemente a interpretação do texto. Essa última tem a sua efetividade quando o leitor consegue fazer intervenções relacionadas à temática do texto de acordo com suas vivências e experiências de vida.¹⁷

Etimologicamente, dislexia vem do grego: *dís* = mau funcionamento, disfunção; e *lexia* = palavra, manifestando-se na leitura e/ou na escrita.¹⁸

A propósito da conceituação de dislexia, de acordo com Mousinho, pode-se dizer que:

Dislexia é um transtorno específico de leitura; um funcionamento peculiar do cérebro para o processamento da linguagem; um déficit linguístico, mais especificamente uma falta de habilidade no nível fonológico; uma dificuldade específica para aprendizagem da leitura bem como para reconhecer, soletrar e decodificar palavras.¹⁹

Segundo Hout e Estienne:

Dislexia é um desnível significativo entre as realizações escolares no âmbito da leitura e as possibilidades intelectuais medidas pelo QI. A exclusão de causas que possam explicar esse desnível constitui um dos critérios diagnósticos principais; entre essas causas, existem transtornos de percepção sensorial, transtornos psiquiátricos primários, patologias

¹⁶ CIASCA, S. (org.). **Distúrbios de Aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 04.

¹⁷ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura**: teoria, avaliação e desenvolvimento. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. p 23.

¹⁸ WHITAKER; PINTO, 2002, p. 27.

¹⁹ MOUSINHO, R. Desenvolvimento da Leitura, Escrita e seus Transtornos. In: Goldfeld, M. **Fundamentos em Fonoaudiologia/Linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003, p. 5.

neurológicas graves, falta de oportunidade escolar suficiente e de estímulos socioculturais.²⁰

Uma outra forma de definir a dislexia, é o exemplo dos autores Capovilla e Capovilla:

A dislexia do desenvolvimento é um distúrbio específico de linguagem de origem constitucional e caracterizado por dificuldades em decodificar palavras isoladas, geralmente refletindo habilidades de processamento fonológico deficitárias, e atinge cerca de 10% dos escolares, resultando em problemas de aprendizagem no ensino fundamental.²¹

Já para Bryant, Buarque, Nunes:

Logo, dislexia é um termo referente a diferenças individuais e não a diferenças entre grupos. Diferenças entre grupos sócio-culturais não podem ser enquadradas dentro da concepção de dislexia, mesmo que se observe uma discrepância entre o nível de leitura observado e aquele esperado a partir do Q.I.²²

Segundo Maszkat e Rizzutti, fica evidenciada que, apesar do problema de ordem neurobiológica, a dislexia tem forte dependência de fatores socioeconômicos, pedagógicos e institucionais. Mostram ainda a necessidade de implantação de leis para adaptação e capacitação profissional psicopedagógica.²³

Assim poderá suprir a barreira de desconhecimento do corpo docente das Instituições para amenizar o sofrimento de crianças e adolescentes que possuem esse transtorno de aprendizagem.²⁴ Com essa afirmação, o autor concorda em parte com a posição de Calafange²⁵ acerca de sua concepção sobre dislexia.

Os primeiros estudos registrados sobre a dislexia ocorreram em finais do século XIX. O oftalmologista inglês (Morgan) investigou crianças que tinham grande dificuldade na aprendizagem da leitura, denominando essa dificuldade de cegueira verbal. Como visto, há no cérebro áreas separadas para diferentes tipos de

²⁰ HOUT, A.; ESTIENNE, F., 2001, p. 21.

²¹ CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F. **Crianças com Dificuldades em Escrita**: perfil cognitivo no international dyslexia teset. **Revista Latina** y Pensamiento y Lenguaje y Neuropsychologia Latina. Madri: 2001, p. 106.

²² BRYANT, P.; BUARQUE, L.; NUNES, T., 2000, p. 95.

²³ MUSZKAT, Mauro; RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez, 2017, p. 11.

²⁴ MUSZKAT, Mauro e RIZZUTTI, Sueli, 2017, p. 14.

²⁵ CALAFANGE, S., 2001, on-line.

memória: uma memória visual geral, uma memória visual de letras e uma memória visual de palavras.²⁶

Atribuía a dificuldade de leitura a uma deterioração de origem congênita que afetava a memória visual de palavras gerando, assim, a cegueira verbal congênita.²⁷

Outra corrente de pesquisadores, por volta de 1900, formada por pedagogos e educadores, questionou a hipótese médica de uma causa única para o problema de aprendizagem da leitura.

No período entre guerras (1915 - 1940), Samuel Torrey Orton, um neuropsiquiatra e neuropatologista americano, depois de ter examinado três mil disléxicos e disléxicas, de todas as idades, defendeu que a dificuldade de ler se devia a uma anomalia de “predomínio” hemisférico, ou seja, o hemisfério esquerdo perderia a supremacia que habitualmente exerce sobre o direito. Nessa disfunção, ocorria que, no hemisfério dominante, a informação seria armazenada de maneira ordenada, enquanto no hemisfério não dominante, a informação seria armazenada de forma desordenada e confusa, invertida como espelho.²⁸

Sendo assim, sinaliza que para ler, o hemisfério dominante (esquerdo) deveria anular a informação do hemisfério não dominante (direito). Quando isso não ocorresse, aumentava-se a possibilidade de erros na leitura justificando, assim, os erros produzidos por inversões, omissões, substituições de sons e leitura em espelho, denominados de estrefosimbolia, ou seja, símbolos invertidos. Orton, também, percebeu que com exceção da leitura, a percepção visuoespacial das crianças não estava alterada, optando pelo termo “transtornos específicos da leitura”.²⁹

O reconhecimento oficial da dislexia ocorreu na Europa, impulsionado por Mac Donald Critchley, onde a World Federation of Neurology, lançou uma definição operacional da dislexia.³⁰

²⁶ NICO, M. A., 2021, on-line.

²⁷ NICO, M. A., 2021, on-line.

²⁸ HOUT, A.; ESTIENNE, F., 2001, p. 22.

²⁹ ELLIS, A. **Leitura, Escrita e Dislexia: uma análise cognitiva**. 2a ed. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 32.

³⁰ HOUT, A.; ESTIENNE, F., 2001, p. 17.

Transtorno da aprendizagem da leitura que ocorre apesar de uma inteligência normal, na ausência de problemas sensoriais ou neurológicos, de uma instrução escolar adequada, de oportunidades socioculturais suficientes; além disso, depende de uma perturbação de aptidões cognitivas fundamentais, muitas vezes de origem constitucional.

Acerca de estudos históricos sobre a dislexia, de acordo com Estill³¹ tem-se que:

O termo "Dificuldades de Aprendizagem" ou "Distúrbios do Aprendizado" começou a despertar interesse à medida que o ingresso às escolas se desligou das elites e se democratizou. Até o século XIV a entrada para a escola acontecia por volta aos 13 anos e, além disso, não eram todas as crianças de uma família que iam para a escola. O aprendizado das tarefas ligadas à economia familiar era mais importante que o aprendizado da leitura, da escrita e do cálculo matemático. Como cita Aries (1981, apud Estill, 2003), o aprendizado dos diferentes artesanatos, tarefas agropecuárias e alguma produção em série, que garantisse a sobrevivência familiar, era o importante a ser aprendido até a Revolução Industrial, em que a família era a única provedora de todos os serviços de alimentação, saúde e vestuário, para citar os mais evidentes.

Entre os estudos pioneiros das "Dificuldades do Aprendizado", podem-se citar perspectivas diferentes que determinarão aproximações diferenciadas, dado o ponto de vista que é buscado pelos estudiosos. Seguindo o esquema proposto por Fonseca, tem-se:

- Perspectiva Cerebral Lesional, representada por Alfred Strauss e Heinz Werner, baseados nos estudos de neuropatologia de Head (1926) e Goldstein (1939).
- Perspectiva Perceptivo-Motora, Newell Kephart Glen Doman e Carl Delacato.
- Perspectiva de Linguagem, Samuel Orton e Helmer Myklebust.³²

Perspectiva Cerebral Lesional - Strauss (1955) e Werner (1945) iniciaram seus trabalhos nos Estados Unidos, depois de terem emigrado da Alemanha na década de 30, usando como inspiração o trabalho de Goldstein com adultos com sequelas de lesão cerebral. A perda da possibilidade de abstração por parte desses indivíduos levou Strauss e Werner a estabelecerem um paralelo com crianças com dificuldades de aprender deduzindo que, se havia redução de capacidade de

³¹ ESTILL, Clélia Argolo., 2003, p. 03.

³² FONSECA, apud ESTILL, 2003, p. 03.

aprender, havia lesão cerebral. No tipo de estudo feito por esses autores houve a preocupação de se separar as crianças portadoras de lesões endógenas e exógenas. O termo "criança endógena" seria reservado para crianças com deficiência mental atribuída a fatores hereditários enquanto o termo "criança exógena" seria reservado para crianças com deficiência mental oriunda de lesões adquiridas em doenças pré, peri ou pós-natais.³³

Nessa classificação não foi feita a diferença de deficiência mental e dificuldade de aprendizado, o que em estudos posteriores fica claro existir. Apesar disso, muito do que preconizavam há 40 anos ainda continua válido, principalmente no que se refere ao planejamento individualizado das habilidades e inabilidades de cada criança analisada.³⁴

Perspectiva Perceptivo-Motora - Kephart (1960), aproximando-se de Piaget, tem uma visão do servomecanismo e do aspecto filogenético da aprendizagem humana. Sustenta seu ponto de vista alicerçado pelas teorias de Hebb (1976): "a teoria da proporção entre o córtex associativo e o córtex sensorial e a da função associativa do córtex".³⁵

Essencialmente essas teorias, assim também como os trabalhos de Pribram, levam o autor a demonstrar que os comportamentos mais complexos necessitam da aquisição anterior dos comportamentos mais elementares. Essa posição sublinha a importância da estimulação precoce contribuindo para o aprimoramento do desenvolvimento intelectual. Nota-se quanto ao aspecto do servomecanismo que o autor considera indissociáveis os processos, senso-perceptivo-motores. Desde, portanto, que os déficits das funções mentais superiores decorrem de déficits das aquisições motoras elementares, sendo imprescindível a estimulação dessas funções primárias nos casos das Dificuldades da Aprendizagem.³⁶

Perspectiva de Linguagem - A influência do trabalho de Samuel Orton (1937) na avaliação e tratamento da "Dificuldade de Aprendizagem" até hoje é sentida e em muitos centros especializados ainda se faz uma correlação absoluta entre os problemas de lateralidade e "Dificuldade de Aprendizagem" ou, melhor dizendo, a

³³ GENES, Milton. **Transtorno do Déficit de Atenção Com e Sem Hiperatividade**. Rio de Janeiro: UFF, 2004.

³⁴ GENES, Milton, 2004.

³⁵ HEBB *apud* ESTILL., 2003, p. 72.

³⁶ ESTILL, Clélia Argolo. **Para Início de Conversa**. São Paulo. AND, 2003, p. 33.

criança com "Dificuldade de Aprendizagem" necessariamente teria problema de lateralidade. Isso acontece pela tendência reducionista do saber humano que tende a simplificar visões teóricas complexas.³⁷

Na realidade, Orton, referindo-se aos problemas de ambidestria, preocupado que estava com a especialização hemisférica que tem relação intrínseca com a faculdade da linguagem que é, ao seu ver, o ponto chave das "Dificuldades de Aprendizagem", propôs quatro estágios do desenvolvimento dessa faculdade, que seriam hierárquicos:

- compreensão da linguagem falada;
- reprodução oral;
- compreensão da linguagem escrita;
- reprodução escrita.

Orton disse que a linguagem oral é a primeira a se desenvolver e a linguagem escrita precisa desse desenvolvimento anterior para o seu estabelecimento. Correlaciona a linguagem da área do giro angular, região posterior do parietal esquerdo. Através de seus estudos chamou a atenção para a possibilidade da intervenção precoce em crianças que apresentassem as seguintes características: • crianças gagas ou com atraso de fala; • crianças com dificuldades na compreensão auditiva; • crianças dispráxicas, crianças com histórias familiares de canhotismo ou de atraso de linguagem.³⁸

Como causas relevantes das "Dificuldades de Aprendizagem" ressaltaram as seguintes causas:

- atraso na aquisição das primeiras palavras; • fala inadequada; • dificuldade de aprendizagem e, conseqüentemente, dificuldade de retenção na memória de palavras impressas; • invenções e rotações dos movimentos gráficos e omissões e substituições na leitura; • repetição de erros ortográficos; • problemas de lateralização e dominância cerebral; • confusão em seguir instruções e direções,

³⁷ GENES, Milton, 2004.

³⁸ ESTILL, 2003, p. 14.

com alterações de orientação espacial e temporal; • dificuldades de imediatez linguística oral; • escrita ilegível e incompreensiva.³⁹

No Brasil, enfatizou-se que as defasagens apresentadas pelas crianças das camadas populares, durante o processo de aprendizagem da leitura, não estão associadas a um distúrbio de aprendizagem, mas sim, a uma diferença nos níveis de conhecimento. Pois as crianças das camadas mais favorecidas da população, vivem em ambientes que valorizam a leitura e a escrita e têm acessos a instrumentos didáticos (livros, canetas, lápis, papel etc.) precocemente. Desta forma, não se deve interpretar as desvantagens culturais, como causadoras da capacidade de aprender.⁴⁰

2.1.1 A Dislexia e a escola

Com relação à questão da escola e da dislexia, de acordo com Estill ⁴¹ a escola é não só o lugar da aprendizagem acadêmica, mas também da aprendizagem de vida. Sendo assim, deve haver lugar para todos, pois é somente através da convivência e aceitação entre as diferenças pessoais que aprenderemos a construir uma humanidade com valores de justiça e de generosidade. A criança com dislexia também quer, e muito, aprender a ler como seus colegas. Ela poderá concretizar este desejo e necessidade, apesar de suas dificuldades, se encontrar acolhida e compreensão em sua vida familiar e escolar. Os graus de dificuldades da dislexia são variáveis, constituindo-se num gradiente que vai do grau leve ao severo. Estas dificuldades tornam-se mais evidentes quando se iniciam as atividades específicas de aprendizagem da leitura e escrita. Muitas vezes o professor não consegue orientar adequadamente o aluno e sua família porque desconhece que a dislexia é um transtorno específico da linguagem escrita — nasce-se disléxico.

³⁹ ESTILL, 2003, p. 14.

⁴⁰ BAUER, James J. **Dislexia**: ultrapassando as barreiras do preconceito. Tradução de Maria Ângela Nogueira Nico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997, p. 18.

⁴¹ ESTILL, 2003, p. 05.

Segundo Calafange: “o reconhecimento das características precocemente, as conseqüências, as soluções e adaptações pertencem à Educação. Não existem disléxicos entre os analfabetos.”⁴²

Durante o período pré-escolar, a criança deve ser estimulada a adquirir algumas habilidades básicas antes de ser alfabetizada, pois essas habilidades facilitam a aquisição da leitura e conseqüentemente da escrita. Caso o professor ou professora perceba que está existindo algum tipo de dificuldade na aquisição dessas habilidades, esse deve intervir imediatamente.⁴³

As principais habilidades são: domínio da imagem corporal; da lateralidade; conhecimento de direita e esquerda; ter orientação espacial e temporal; percepção do ritmo; saber fazer análise e síntese visual e auditiva; fazer discriminação de semelhanças e diferenças; possuir noção de constância, de percepção, de forma e de tamanho; ter percepção de figura-fundo; ter boa memória cinestésica e auditiva; com acompanhamento visual; possuir boa coordenação visuomotora; saber fazer discriminações de sons; ter boa linguagem oral, pronúncia e um bom vocabulário, dentre outras.⁴⁴

Os autores ressaltam que essas habilidades não são adquiridas de forma espontânea, por esse motivo, é necessário que a criança seja submetida a programas específicos e qualificados, para que possa adquirir essas habilidades; sendo que esses programas devem estar de acordo com o nível de desenvolvimento onde se encontra a criança.

Dois aspectos relacionados com a personalidade, podem ser comprovados pelos profissionais que estão em contato direto com os alunos, servindo como indicativos de possíveis problemas de aprendizagem, são eles: a) falta de atenção, devido ao excessivo esforço intelectual que a criança realiza para superar suas dificuldades, ocasionando uma perda do interesse pelos estudos e b) inadaptação pessoal, em função dos desajustes emocionais que a dislexia acaba por gerar. A

⁴² CALAFANGE, MF. **Dislexia em Questão**: quando o professor faz a diferença. 2001. Disponível em: www.aescola.com.br. Acesso em: 22 set 2021, on-line.

⁴³ MORAIS, A. **Distúrbios da Aprendizagem**: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: EDICON, 1997, p. 26.

⁴⁴ WHITAKER, 2002, p. 19.

criança pode tornar-se retraída, insegura, agressiva, teimosa, ou com excessiva confiança em si mesma.⁴⁵

Existem algumas características específicas, apresentadas pelas crianças de 4 a 7 anos, que podem servir as pessoas docentes como indicadores de dificuldades futuras de aprendizagem. Durante esse período, as crianças estão a iniciar-se nas aptidões básicas de leitura e escrita, fazendo uso de exercícios preparatórios para tais finalidades. É nesse momento que podem começar a surgir alguns indícios de problemas de aprendizagem especialmente relacionados à aquisição da leitura e escrita. As omissões de fonemas principalmente em sílabas compostas ou inversas; confusões de fonemas, podendo ser acompanhadas por uma linguagem confusa; inversões, que podem apresentar-se por fonemas dentro de uma sílaba, ou de sílabas dentro de uma palavra; pobreza de vocabulário, ligada a uma compreensão verbal baixa; atraso na estruturação e conhecimento do esquema corporal; dificuldade na realização de exercícios sensório-perceptivos, pouca habilidade para exercícios manuais, demonstrando uma falta de coordenação motora; movimentos gráficos de base invertidos; escrita em espelho de letras e números; leitura lenta, por exemplo: “pardo” por “prado”; dificuldades em distinguir cores, forma, tamanhos, posições etc. sem modulação; dificuldade de compreensão e interpretação; dificuldade em copiar do quadro ou de livros; dificuldade de compreender o tempo: passado, presente e futuro. Essas são apenas algumas das características disléxicas que podem ser constatadas nas crianças em período pré-escolar.⁴⁶

2.1.2 A Dislexia e a legislação educacional

Entre as dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem, a dislexia é a de maior incidência e merece toda atenção por parte das pessoas gestoras de política educacional, especialmente os de educação especial.

A Legislação Educacional não trata os diversos problemas educacionais, principalmente os relacionados com as necessidades especiais, de forma clara e objetiva. Esse descompromisso acaba por dificultar as ações governamentais dos

⁴⁵ CALAFANGE, MF, 2001, on-line.

⁴⁶ CALAFANGE, S., 2001, on-line.

gestores e gestoras, desde o secretário ou secretária da educação ao corpo docente em sala de aula.

A Constituição Federal, no seu Artigo 208, Inciso III, ao tratar sobre a educação especial determina: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado a pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.⁴⁷

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, Artigo 58º, apresenta um texto diferenciado com relação a essa temática que estabelece:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do **caput** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 13.632, de 2018)⁴⁸

O dislético e a dislética não são considerados pessoas com deficiência mental, física, auditiva, visual ou múltipla. A criança dislética não tem o seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação inapropriada ou nascimento prematuro, por isso não pode ser considerada de alto risco.⁴⁹

Ademais, existe uma legislação recente sobre o tema em questão, é o que evidencia a lei.14.254/2021, porém ela não traz em seu bojo todas as nuances e diretrizes necessárias para o direcionamento da dislexia. Contudo, seu Art.1º é de grande relevância, sendo este um primeiro passo, de um caminho longo a se percorrer sobre esta temática. Conforme trecho abaixo:

⁴⁷ BRASIL, 1988, on-line.

⁴⁸ BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1996.

⁴⁹ BAUER, James J., 1997.

Art. 1º O poder público deve desenvolver e manter programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem.

Parágrafo único. O acompanhamento integral previsto no caput deste artigo compreende a identificação precoce do transtorno, o encaminhamento do educando para diagnóstico, o apoio educacional na rede de ensino, bem como o apoio terapêutico especializado na rede de saúde.⁵⁰

A pessoa disléxica pode inclusive ser portadora de altas habilidades, apresentando talentos na arte, música, teatro, desportos etc. A dislexia enquadra-se, também, nos casos das condutas típicas, pois as pessoas disléxicas podem apresentar quadros de ordem psicológica, neurológica - disfunção - e linguística, comprometendo a aprendizagem eficaz da leitura e escrita.⁵¹

Então, crianças com dificuldades escolares, seja qual for a origem do problema, necessitam de educação, atenção e ensino diferenciado, para que possam ter a oportunidade de desenvolver suas habilidades. Dessa forma, Martins, ressalta que: “Por tudo isso, diagnosticar, avaliar e tratar a dislexia, conhecer seu tipo e sua natureza é um dever do Estado e da Sociedade e um direito de todas as famílias com crianças disléxicas, em idade escolar.”⁵²

2.1.3 A Formação da pessoa docente

Além da identificação das causas e consequências da dislexia, é de suma relevância refletir também sobre a formação da pessoa que está diretamente responsável pelo acompanhamento do desenvolvimento cognitivo, moral e social do indivíduo no ambiente escolar – o professor ou a professora.⁵³

Tal importância é dada a este ou esta profissional por reconhecer que está diretamente ligado a esses alunos e alunas, pois acompanha seu desenvolvimento cognitivo, assim como suas dificuldades, entendendo-se, portanto, que ele deveria,

⁵⁰ BRASIL. Lei Nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2021.

⁵¹ BAUER, James J., 1997.

⁵² MARTINS, Vicente. **Linguística Aplicada às Dificuldades de Aprendizagem Relacionadas com a Linguagem**: dislexia, disgrafia e disortografia. 2002. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/vicente.martins/>. Acesso em: 10 set. 2022.

⁵³ CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F **Problemas de Leitura e Escrita**: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo: Mennon, 2000, p. 37.

também, já nos seus cursos de graduação, receber informações, conteúdos e aprendizagem específica sobre como tratar a questão também com especialistas em psicopedagogia. No entanto, as universidades não preparam esses profissionais para trabalhar com a pessoa disléxica ou com qualquer dificuldade de aprendizagem apesar da lei deixar claro da necessidade da inclusão de crianças com deficiências, sejam elas neurológicas, visuais, auditivas ou de distúrbios, nas turmas ditas “normais”.⁵⁴

Partindo do posicionamento de Martins, Maszkat e Rizzutti, no seu livro *O professor e a dislexia*, evidenciam qual o papel referente do corpo docente nessa questão em estudo. Esses afirmam a eminência da função de educadores e educadoras na escola quando se trata de dificuldades relacionadas à linguagem, dão dicas valiosas ainda a pais e docentes de como lidar com crianças e adolescentes com dislexia, como: motivação a mais que a outra pessoa (não disléxica), mostrar interesse por suas dificuldades, dar sempre ênfase aos acertos e não aos erros, fazer elogios verdadeiros, nunca considerar a pessoa disléxica preguiçosa, valorizar sempre o seu esforço e interesse. Seu posicionamento é ampliado e evidenciado em Maszkat e Rizzutti.⁵⁵

Assim como Calafange e Martins, Vitor da Fonseca, no capítulo 09 do seu livro *Dificuldades de aprendizagem e Aprendizagem*, remete à dicotomia de saber aprendizagem e fazer saber aprendizagem. Há todo um questionamento por parte dos autores quanto à falta de capacitação e a adequação das Instituições para lidar com essa problemática. Saliendam ainda a importância da aprendizagem humana para as pessoas com déficit de aprendizagem, enfatizando que isso já deveria ser resolvido com a expansão e a democratização do ensino.⁵⁶

Todo o exposto deixa patenteado que o desconhecimento profissional por parte da gestão, da coordenação e do corpo docente, assim como, a causa fundamentalmente social desfavorecida pela falta de motivação e por processos pedagógicos inadequados são inadaptáveis à realidade discente analisada.

⁵⁴ CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F. **Alfabetização**: método fônico. São Paulo: Mennon, 2002, p. 25.

⁵⁵ MUSZKAT; RIZZUTTI, 2017, p.133.

⁵⁶ FONSECA, Vitor. **Dificuldade de aprendizagem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016, p. 05.

2.1.4 Dislexia e a sala de aula

Sobre a questão, Estill, ensina:

No ensino infantil a comunicação oral tem um espaço privilegiado nas “rodinhas de novidades”. Já no ensino fundamental, onde predomina a produção da linguagem escrita, dever-se-ia propiciar, ainda mais, as situações de produção da linguagem oral, através de relatos de experiências do cotidiano e troca de informações sobre o que cada aluno já conhece sobre os conteúdos que serão estudados nas diferentes matérias. Estas atividades interativas através da linguagem oral proporcionam espaços para as trocas de conhecimentos, são contribuições individuais para a construção do conhecimento de todos e oferecem oportunidades para os alunos ampliarem seus canais de comunicação oral. Aprender a discutir, dar opinião, ser ouvido e saber ouvir ampliam as possibilidades críticas e são condições essenciais para a compreensão entre todos.⁵⁷

Pais e escola são os primeiros a perceber a presença de dificuldades específicas. Pessoas disléxicas não são como as folhas de um caderno, todas iguais. Há uma série de sinais que ajudam a identificar a presença de uma possível dislexia em crianças, ainda que nem sempre todos estes sinais estejam presentes e associados.

Só é possível considerar que alguém é pessoa com dislexia quando já viveu pelo menos dois anos de aprendizagem formal da leitura e não tenha obtido êxito, mas, desde a educação infantil, alguns sinais já chamaram a atenção.⁵⁸

Alguns sinais de alerta nas diferentes fases da vida escolar podem ser destacados para auxiliar o professor e as professoras a reconhecê-los e assim poder orientar melhor seus alunos e alunas.

- Ensino Infantil - Fala tardia e dificuldades para pronunciar alguns fonemas e vocabulário reduzido; reconhecimento e produção de rimas; nomeação de cores, formas e escrita do nome; atendimento a ordens e rotinas; habilidades motoras finas; contagem ou recontagem de histórias; lembrança de nomes e símbolos.
- Ensino Fundamental (da classe de alfabetização à 1ª série) - Dificuldade para aprender o alfabeto; planejamento motor e execução de letras e números; habilidades auditivas, tais como separar e sequenciar sons, discriminar sons semelhantes, homorgânicos; memorizar sequências e palavras; dificuldades

⁵⁷ ESTILL, 2003, p. 38.

⁵⁸ ESTILL, 2003, p. 42.

para aprender a ler, escrever e soletrar; orientação temporal (ontem - hoje - amanhã, calendário); orientação espacial; execução da letra cursiva; dificuldades na preensão do lápis; copiar do quadro.

- Ensino Fundamental (da 2ª à 8ª série) - Nível de leitura abaixo de sua série; dificuldade na soletração e sequenciação de letras em palavras; hesitação na leitura oral perante o grupo; dificuldades para entender enunciados escritos de matemática, apesar de entendê-los quando enunciados oralmente; memorizar a tabuada, ainda que tenha compreendido o seu processo; localizar pontos de referência nos mapas; produção da expressão escrita; dificuldades para aprender outros idiomas; compreensão de provérbios, piadas e gírias; presença de transtornos na escrita, com trocas, omissões, inversões e aglutinações de grafemas; planejar e organizar as tarefas; uso inadequado do tempo para execução das tarefas.
- No Ensino Médio - Leitura vagarosa com muitos erros, trocas de sons, substituições de palavras por outras, modificando o sentido do texto; persistência de dificuldades nos processos de soletração para a leitura de palavras mais longas ou menos familiares. Dificuldades para: planejar e desenvolver redações; elaborar sínteses e reprodução de textos lidos; memorizar dados precisos; entender conceitos abstratos; dar atenção a pequenos detalhes ou, inversamente, ater-se a estes, perdendo os aspectos globais do texto; vocabulário reduzido; uso de subterfúgios para esconder suas dificuldades de leitura. Nos casos de dislexia leve, as pessoas desenvolvem estratégias compensatórias, frequentemente passando despercebidas ao professor, que só irá identificá-las pelos “erros na escrita e aparente dificuldades para a compreensão da leitura”. Nestes casos, a dificuldade não será de compreensão leitora, mas sim uma decorrência das dificuldades na leitura das palavras⁵⁹.

⁵⁹ GONÇALVES, A.M.S. **A Criança Disléxica e a Clínica Psicopedagógica**. 2005. Disponível em: <http://www.andislexia.org.br>. Acesso em: 08 set. 2022, on-line.

3 A ÉTICA E GESTÃO VOLTADA PARA O CUIDADO

O capítulo proposto nos leva a refletir sobre a eminência da gestão voltada para a ética do cuidado no ambiente escolar. Para tal feito, destacam-se os conceitos e as características da ética do cuidado, assim como a visão da espiritualidade acerca do tema.

Ainda nesse capítulo serão vislumbradas a formação e as estratégias de profissionais de educação para a inserção desse tipo de gestão no lidar com pessoas disléxicas na comunidade escolar.

3.1 CARACTERIZAÇÃO E CONCEITUAÇÃO DA ÉTICA

No texto de Carlos Adriano Ferraz, Elementos de ética: da antiguidade à modernidade, o autor remete, etnologicamente, ao significado do termo ética com o conceito do grego (*ethos*) que denota costumes, e posteriormente por Cícero como (*morus*) que significa moral, colocando no mesmo campo semântico a ética e a moral.⁶⁰

Assim, para Ferraz, a ética significa costume, estilo de vida. Para Cícero ética é o mesmo que moral. Já na cisão de Ernst Tugendhat, tanto a ética quanto a moral estão voltadas para os costumes, para o agir e conseqüentemente para a prática no âmbito da praticidade da ética: ética, razão e ação. Nessa concepção, o ser humano tem que agir com razão prática.⁶¹

Ferraz ainda deixa evidenciado que Kant entende por virtude (*fortitudo moralis*) como a capacidade e o propósito de se opor a um adversário poderoso e injusto, é a coragem (*fortitudo*) em relação a atitude moral que existe no ser humano, a virtude. Na ação para o bem tende a um fim, como reconheceu Aristóteles.⁶²

⁶⁰ FERRAZ, Carlos Adriano. **Elementos de ética**. Pelotas: NEPFIL online, 2014. Disponível em: <http://nepfil.ufpel.edu.br>. Acesso em: 22 set. 2022, on-line.

⁶¹ FERRAZ, 2022, on-line.

⁶² FERRAZ, 2022, on-line.

Como sujeitos racionais, busca-se por um bem válido para todas as pessoas, não se procura algo somente para se mesmos e sim uma função ética para as suas ações.

Segundo Aristóteles, ainda em relação a essa temática, quando se age de forma objetiva, pretende-se um fim, mesmo inconscientemente. Se se age racionalmente, utiliza-se a natureza, e ao agir, forma-se a si mesmo. Isso conduz as pessoas a um objetivo ético – saber é felicidade –, que é denominado de *eudaimonia*, o que difere do hedonismo, que é a busca do prazer individual, particular. Uma satisfação espiritual, não racional.⁶³

É preciso regras para se conviver socialmente, é necessário buscar justificativas para as ações pessoais. Há uma existência de um juízo moral possibilitador e avaliador, ajuizar moralmente ações e decisões, o sentimento de culpa é explicado, o qual Ernest Tugendhat denomina de “indignação internalizada”.⁶⁴

Os princípios éticos do bem e do mal permitem ajuizar moralmente pessoas e ações. Há dois grupos de teorias morais dominantes no século XX: o consequencialíssimo, que exige a utilização do melhor estado das coisas possíveis para o melhor número de sujeito com imparcialidade e impessoalidade. Já a deontologia demanda o respeito por certas regras, priorizando o justo, o certo, em relação ao bem.⁶⁵

O utilitarismo de atos parte de cálculo refletivo para um resultado em um determinado contexto; e qual ação promoverá o melhor para o maior número de pessoas. O utilitarismo de regra age de acordo com a norma para se chegar para o melhor resultado, para um maior número de indivíduos.⁶⁶

Como exemplo de quicentismo na contemporaneidade tem-se a regra de grupos prioritários no governo federal na pandemia da COVID 19 como o isolamento social, a não aglomeração, o uso obrigatório de máscaras e outros.⁶⁷

⁶³ FERRAZ, 2022, on-line.

⁶⁴ BOFF, Leonardo. **Grande frente de valores ético-sociais**, 2018. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2018/11/01/grande-frente-de-valores-etico-sociais/>. Acesso em: 10 out. 2022, on-line.

⁶⁵ BOFF, 2018, on-line.

⁶⁶ FERRAZ, 2022, on-line.

⁶⁷ FERRAZ, 2022, on-line.

Leonardo Boff no seu texto intitulado “A eclipse da ética na atualidade”, prognóstico no Congresso Internacional organizado pela Sociedade Teológica e Ciência da Religião (SOTER), em Belo Horizonte, tematizou Religião, Ética e Política, direciona a dois fatores que atingem o coração da ética: o processo de globalização e a mercantilização da sociedade.⁶⁸

O primeiro processo remete a vários tipos de ética em conformidade com as diferenças culturais. Ele exemplifica essa sua afirmação acerca da importância dos aspectos culturais da ética: os povos. Mas tudo nasce do amor, com o ideal ético de criar em todo o coração sensível, justo, transparente e verdadeiro; povos indianos, ética do bem viver e conviver, foco no equilíbrio entre os humanos, na natureza e no universo.⁶⁹

Segundo Boff, os principais pré-requisitos para qualquer civilização humana são os valores da prática ética, fundamentais para o autor que acredita que a humanidade está condenada à barbárie, isso por causa da falta de ética. O mundo indo rumo à idade das trevas mundial.⁷⁰

Acerca do segundo fator acima abordado, o autor ainda orienta quanto ao empecilho da sociedade de mercado, essa transforma a economia em uma sociedade puramente mercantilista. Como previa Karl Marx em Miséria da filosofia, tudo hoje se transforma em mercadoria. A competição gera corrupção e a falta de solidariedade, de verdade e de consciência faz parte da compra e venda no mercado sem ética e sem valores.⁷¹

Essa sociedade tem como ideal ético de valores o consumismo e o acúmulo de bens, pequenos grupos elitizados detêm o poder, e grandes grupos na extrema miséria.⁷²

Segundo o mesmo autor, a diferença entre os seres humanos e entre outros seres vivos, é o cuidado com o outro. Ele direciona a atitudes inerentes a éticas essenciais ao ser humano:

- Ética do cuidado – relação amigável e amorosa com o outro, estendendo-lhe as mãos;

⁶⁸ BOFF, 2022, on-line.

⁶⁹ FERRAZ, 2022, on-line.

⁷⁰ BOFF, 2022, on-line.

⁷¹ BOFF, 2022, on-line.

⁷² FERRAZ, 2022, on-line.

- Ética da solidariedade – começa na família e existe desde os povos antigos que compartilhavam seus alimentos;

- Ética da responsabilidade universal – é responsável pela sustentabilidade e o ecossistema do mundo, para assim se viver juntos em harmonia, com toda a comunidade de vida existente. Hans Jonas com “o princípio da responsabilidade” relata a importância do medo coletivo, que eleva o indivíduo à luta pela sobrevivência. Um exemplo desse princípio na contemporaneidade se deu quando pessoas começaram a comprar vacinas ilegalmente contra a COVID-19, chegando a obter o produto superfaturado e falsificado.⁷³

- Por fim a ética da justiça que é um direito mínimo que se tributa ao outro, principalmente às instituições, essas tem que ser justas, evitando assim privilégios e exclusão sociais.

Nesse contexto, Thomas Hurka faz sérias críticas às teorias teleológicas⁷⁴ e não teleológica, como se pode verificar:

[...] Eis uma primeira forma de uma teoria poder ser teleológica sem ser consequencialista: se o consequencialismo apenas pode valorizar as consequências externas dos actos, como se presume em algumas definições, então uma teoria que valoriza propriedades intrínsecas dos actos está conforme com o sentido mais amplo de ética teleológica, mas não com o sentido mais estrito. Pode ainda avaliar os actos com base no estado global do mundo que resulta da sua execução, mas algumas propriedades relevantes desse estado são intrínsecas aos actos. Uma teoria teleológica pode também abandonar o segundo aspecto do utilitarismo — a imparcialidade relativamente ao bem. Assim, uma teoria teleológica pode ser egoísta, aconselhando os agentes individuais a promoverem apenas o seu próprio prazer, conhecimento, ou outros bens, ou, pelo contrário, pode afirmar que devem promover exclusivamente o bem de outrem e não o próprio. Pode ainda adoptar o que C. D. Broad (1971) chamou “altruísmo auto-referencial”, que diz que, apesar de as pessoas deverem dar algum peso ao bem de todos, deveriam importar-se mais com o daqueles que lhes estão próximos, por exemplo a família e os amigos. Estas teorias podem ainda identificar o bem independentemente do que é correcto e afirmar que os actos correctos são os que maximizam o bem, mas, se a imparcialidade for essencial no consequencialismo, como alguns pressupõem, são teleológicas mas não consequencialistas.⁷⁵

⁷³ FERRAZ, 2022, on-line.

⁷⁴ Qualquer doutrina que identifica a presença de metas, fins ou objetivos últimos guiando a natureza e a humanidade, considerando a finalidade como o princípio explicativo fundamental na organização e nas transformações de todos os seres da realidade; teleologismo, finalismo.

⁷⁵ HURKA, Thomas. **Éticas teleológicas**. 2008. Disponível em: <https://criticanarede.com/teleologicas>. Acesso em: 10 out. 2022, on-line.

O mesmo autor faz críticas às teorias supracitadas, atribuindo a essas um propósito de abstenção de um fim para alcançar uma felicidade plena e individual de cada pessoa. Ele denomina e caracteriza essas teorias como teorias egoístas. Como é constatado em sua afirmação:

Estas duas primeiras possibilidades integram-se num grupo de teorias frequentemente classificadas como teleológicas mas não consequencialistas — as teorias eudemonistas de Aristóteles e outros filósofos antigos. Derivam todas as exigências morais de um fim último ou bem a que chamam a eudemonia da pessoa, o que significa felicidade ou plena realização da pessoa. São pois, formalmente, teorias egoístas já que o fim último de cada pessoa mais não é do que a eudemonia própria dessa pessoa. Mas defendem que uma componente principal da eudemonia é a virtude moral, que se expressa em actos virtuosos tais como ajudar os outros por motivos benevolentes. As teorias eudemonistas podem, em princípio, admitir os mesmos deveres substanciais que o utilitarismo, exortando as pessoas a imparcialmente maximizar o prazer. Mas os seus argumentos não se baseiam na relação causal que é essencial no utilitarismo, defendendo antes que os actos que visam ajudar os outros são exemplos da virtude moral que, por sua vez, é uma parte da eudemonia.⁷⁶

3.2 CONHECIMENTO DA ÉTICA DO CUIDADO

Após uma análise sistêmica dos textos apresentados, elaborados por Leonardo Boff, com o *Cuidado essencial* e a entrevista com Lourenço Zancanaro, que enfatiza pontos relevantes direcionados à ética do cuidado e da responsabilidade, constatam-se semelhanças entre os fundamentos trazidos.

A partir de uma interpretação extensiva, nota-se que os presentes textos se complementam, em uma concepção de cuidado e de responsabilidade revigorante, demonstrando que é necessário se retomar uma valoração do cuidado para garantir o futuro. Demonstrando que é possível um equilíbrio entre o cuidado com a natureza e o surgimento de novas tecnologias, bem como um equilíbrio entre o trabalho e o cuidado na perspectiva do sentimento, desde que o trabalho se apresente na concepção do ser humano criativo.⁷⁷

Os aspectos apresentados na entrevista especial com Lourenço Zancanaro *Por uma ética do cuidado e da responsabilidade* mostram as concepções e o grande

⁷⁶ HURKA, 2008, on-line.

⁷⁷ ZANCANARO, Lourenço. **Por uma ética do cuidado e da responsabilidade**. Entrevista concedida ao Instituto Humanas Unisimos. Adital. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/46782-por-uma-etica-do-cuidado-e-da-responsabilidade-entrevista-especial-com-lourenco-zancanaro>. Acesso em: 22 fev. 2022, on-line.

legado de Hans Jonas, o qual constata a vulnerabilidade do mundo, da natureza e da vida humana, evidenciando a necessidade do cuidado e da responsabilidade a fim de garantir o futuro.⁷⁸

Lourenço Zancanaro enfatiza que as concepções de Kant e Jonas, apesar de se assemelharem são, em suma, diferentes. De fato, ambos apostam na autonomia como norte no agir, na busca do melhor, vendo a realidade como algo a ser cuidado em face aos avanços desordenados da tecnologia. Porém, enquanto Kant traz uma visão individualizada e subjetiva, Jonas se destaca pela concepção social do cuidado em seu caráter público.⁷⁹

Esclarece ainda que não existe o impasse ou impedimento dos avanços tecnológicos, ou sequer um ataque à ciência, o que se busca é enfatizar a necessidade do cuidado para se preservar a natureza e conseqüentemente garantir o futuro com o avanço tecnológico ordenado e compatível com a preservação ambiental.

Lourenço Zancanaro, altamente qualificado, especialista e mestre em diversos ramos da filosofia, além de doutor pela Unicamp, graduado por diversas instituições renomadas, visualiza a ética jonasiana⁸⁰, apresentando seus limites, prevenção e antecipação dos riscos em face das grandes conseqüências dos efeitos tecnológicos ao planeta.⁸¹

Enfatiza no sentido de educação, em que o autor se posiciona na definição de que todas as pessoas são responsáveis pela obtenção do conhecimento, não somente o professor ou professora, ou as demais pessoas que compõem o ambiente educacional, mas também as famílias e toda a sociedade, ponto em que se filia totalmente à ideia exposta.

Ademais, uma das principais dificuldades apresentadas na teoria da responsabilidade está relacionada à fundamentação baseada na metafísica, uma vez que recorre a pré-modernos.

⁷⁸ ZANCANARO, 2022, on-line.

⁷⁹ ZANCANARO, 2022, on-line.

⁸⁰ A Ética Jonasiana atribui a responsabilidade sobre sustentabilidade do planeta ao ser humano, atribuindo a esse a iminência de conscientização do seu papel frente a preservação do meio ambiente como todo, mesmo com os importantes avanços tecnológicos presentes na modernidade.

⁸¹ ZANCANARO, 2022, on-line.

Já o texto de Leonardo Boff – *O cuidado essencial: princípio de um novo ethos* –, remete o conceito de cuidado em sua filosofia, trazendo uma concepção do cuidar como base para formação do ser humano.

Alguns aspectos essenciais chamam atenção no texto. O primeiro deles é a existência de dois modos de ser do mundo: o do trabalho e o do cuidado, que se compõem e não se anulam.⁸²

Referente à questão do trabalho, a transformação da sua concepção que parte do trabalho do ser humano criativo, relacionado ao conceito de cuidado, evolui para a concepção do trabalho apenas com o fim de obter riquezas, de satisfazer a vontade de poder e de dominação sobre a natureza, o novo preço pago pela tecnologia, o que se relaciona com a entrevista de Lourenço Zancanaro, ante ao cuidado relacionado ao sentimento, a própria definição de ser humano.⁸³

Já pelo cuidado se chega a uma sintonia com as coisas, a uma convivência amorosa. Dessa forma, o texto objetiva trazer a definição de cuidado como sentimento pela própria etimologia da palavra – *páthos* – que significa introspecção, emoção, um sentimento que permanece, é a própria concepção de "cura".⁸⁴

E coloca em foco a necessidade do aprendizado mediante a apresentação de problemas vividos no cotidiano, resultando em benefícios interdisciplinares.⁸⁵

Após apresentação do conteúdo em análise, com a aplicação no âmbito educacional, torna-se de extrema essencialidade que a escola ensine o aluno, desde o ensino básico, entendimentos e conceitos relacionados ao cuidado, utilizando-se do processo de aprendizagem mediante a apresentação de problemas constantes na vida diária, a fim de que se tornem sujeitos sociais capazes de exercerem sua cidadania, valorizando a essencialidade do cuidar, obtendo uma construção da ética do cuidado e da responsabilidade.

⁸² BOFF, L. **O cuidado essencial: princípio de um novo ethos**. *Inclusão Social*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 26 nov. 2022, on-line.

⁸³ ZANCANARO, 2022, on-line.

⁸⁴ BOFF, L. 2005, on-line.

⁸⁵ BOFF, L. 2005, on-line.

3.3 CONTRIBUIÇÃO DA ESPIRITUALIDADE BASEADA NA ÉTICA DO CUIDADO

Segundo Afonso Murad, enquanto a gestão é apresentada pela eficiência, mercado, competição, inovação, negociação, rapidez e antecipação ao futuro; o mundo religioso é representado por Deus, salvação, graça, pecado, evangelização, fraternidade, entre outros. Embora as duas representações distintas apresentem ideias opostas, devem caminhar juntamente no mundo da gestão.⁸⁶

Na modernidade, há o desejo de reunião de diversos elementos da espiritualidade das diferentes religiões em uma busca por uma espiritualidade eclética, pois as religiões respeitam as diferenças umas das outras e remetem sempre ao bem.⁸⁷

Vale ressaltar que as grandes religiões apresentam características comuns em relação à espiritualidade (ser do bem, a questão da existência, da valorização simbólica, da tolerância, da paz e da diversidade, da sustentabilidade, da sabedoria e da evolução espiritual).

Espiritualidade pode ser tida como uma busca de um sentido de vida e na vida e os sonhos são as religiões, as filosofias, a ética, a moral e as ideologias.⁸⁸

Essa espiritualidade diz respeito ao cuidado individual e coletivo e de vida saudável das pessoas e respeito ao meio ambiente como todo.⁸⁹

A fé é vista como adesão a Deus, a religiosidade, por sua vez, é manifestação da fé e a espiritualidade a busca do sagrado e de sua relação com ele. Nesse sentido é fácil notar o entendimento de espiritualidade como evolução religiosa e de fé.⁹⁰

Na verdade, muitas pessoas menosprezam a espiritualidade não dando a ela a grande importância merecida, para que essa valorização aconteça, os

⁸⁶ MURAD, A. **Gestão e Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 23.

⁸⁷ MURAD, 2007, p. 24.

⁸⁸ PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. **Buscar sentido e plenitude de vida**. Bioética, saúde e espiritualidade. Campina Grande: São Camilo, 2020.

⁸⁹ MURAD, 2007, p. 44.

⁹⁰ MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. v. 1.

indivíduos e as instituições deveriam deixar de lado a preocupação com o externo e com as aparências e cultivar a espiritualidade nas suas vidas.⁹¹

A prática da gestão geralmente não faz uso da espiritualidade, voltando-se sempre para o mercado, sua exigência, seus lucros e as ações ativas da empresa, mas em tempos de crises, desafios e fracassos o gestor pode e deve recorrer ao sagrado em busca de soluções.

O gestor deve nutrir o cultivo da espiritualidade reservando um momento interior na busca de Deus, favorecendo assim sua paz, motivação e liberdade interior.⁹²

Devido à pressão competitiva do mercado na modernidade, há toda uma preocupação do corpo gestor pelo crescimento financeiro empresarial, isso faz com que seja deixado de lado a vida pessoal e espiritual do dirigente e seus colaboradores.⁹³

É fundamental que o crescimento espiritual e o profissional caminhem juntos para que haja um bom resultado em longo prazo, afinal um pode ser o alicerce do outro.

A gestão institucional não pode renunciar ao respeito, ao perdão, à inclusão, à fraternidade, entre outros, pois essas ações são inerentes de uma instituição que se baseia na espiritualidade, resultando em um ambiente harmonioso entre seus profissionais, e em crescimento para a gestão, que por consequência consegue resultados que extrapolam a esfera empresarial.⁹⁴

Uma organização para caminhar com ética, voltada para o grupo de colaboradores, clientes e fornecedores é viável inserir na instituição a espiritualidade, promover através da sustentabilidade ações coletivas, ambientais, sociais, almejando o bem-estar de todos os envolvidos no andamento da organização corporativa.⁹⁵

O ecoempreendedor resolve problemas ambientais através de ideias inovadoras. Empresas emergentes caracterizam-se por agir com sabedoria, ousadia

⁹¹ MURAD, 2007, p. 26.

⁹² MURAD, 2007, p. 27.

⁹³ MURAD; GOMES, RIBEIRO, 2010, p. 47.

⁹⁴ MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 49.

⁹⁵ MURAD, 2007, p. 27.

e coragem, têm vivão ecológica, valorizando a sustentabilidade. Buscam convênios com outras instituições ambientais e planejam o hoje, pensando no futuro.⁹⁶ Essas empresas realizam projetos sociais para comunidade local sem prescindir do respeito ao ser humano, amenizando a pobreza e a desigualdade social.

É através da espiritualidade que se pode alcançar boa relação entre os membros de uma empresa e colaborar para uma sociedade mais justa e sustentável.

Murad frisa que um ambiente equilibrado e harmônico contribui para o aumento da produtividade e o crescimento profissional e pessoal de seus membros. Tal equilíbrio pode ser alcançado tanto com a inserção da espiritualidade quanto da sustentabilidade no ambiente de trabalho, reduzindo o sentimento de insatisfação e desânimo ao mesmo tempo que favorece a harmonia empresarial e motivacional.⁹⁷

Como bem destaca o exímio autor, a espiritualidade pode andar perfeitamente em conjunto com os aspectos empresariais, um contribuindo para o outro. Apesar de possuírem concepções diversas, em uma visão expansiva, podem se completarem contribuindo para o efetivo crescimento do ambiente institucional.⁹⁸

Quando a empresa insere em seu planejamento a espiritualidade, facilmente fatores primordiais como: desempenho, motivação, espírito de equipe, qualidade, foco no cliente e bem-estar se revelam; pois há na instituição um olhar direcionado ao social. Partindo desse pressuposto, percebe-se que a espiritualidade possibilita a responsabilidade social, voltando suas práticas para a comunidade na qual está inserida e para seus funcionários.⁹⁹

O fim do século foi marcado pela globalização, e com ela veio a exclusão social pela redução de investimentos sociais na educação, na saúde, na moradia e no lazer, configurando desrespeito aos direitos humanos além da degradação do meio ambiente. Por tudo que foi exposto, nota-se, na modernidade capitalista, que o avanço foi voltado para a economia e não para o social, pois o que se tem é um alto derrame de pobreza e miséria “globalizada”.¹⁰⁰

⁹⁶ MURAD, 2007, p. 70.

⁹⁷ MURAD, 2007, p. 72.

⁹⁸ MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010.

⁹⁹ MURAD, 2007, p. 72.

¹⁰⁰ MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 81.

Nesse contexto, o critério determinante é o econômico ditado pela minoria detentora do poder em detrimento do investimento social e em favor dos interesses do mercado, voltado para quem pode consumir, em que o lucro é a palavra-chave.¹⁰¹

Agora é o momento de uma crise humanista na qual há todo um questionamento acerca da solidariedade ao ser humano e da sociedade mediante a humanização das empresas. Essas, por sua vez, têm o desafio de criar meios de tratar os seres humanos com mais dignidade. Só através da espiritualidade pode haver respeito físico, mental e espiritual dentro das instituições.¹⁰²

As instituições detêm o poder de mudança, e assumir o papel de instituições cidadãs é primordial para um bom relacionamento com seus integrantes, com a comunidade e o meio ambiente.

Solidariedade, equilíbrio e ética, por parte de todos, são palavras-chaves dentro de uma instituição que promove a espiritualidade.

3.4 GESTÃO VOLTADA PARA A ÉTICA DO CUIDADO

Basílio Domingos (p.65) define gestão escolar, como se pode identificar:

O conceito de gestão deriva do termo latino 'gestiōne', significando ação de dirigir (Dicionário de Língua Portuguesa, 1952, p. 841). O mesmo Dicionário acrescenta que se trata de "atividade ou processo de administração de uma empresa, instituição, etc." (p. 841), bem como o próprio ato de gerir e o conjunto de medidas administrativas aplicadas durante um determinado período. A gestão escolar tem o seu campo de aplicação também na escola e diz respeito ao modo de organizar administrativamente a instituição, ditando orientações que criem condições para efetivar, no seu todo, o procedimento qualitativo de ensino e aprendizagem e formação humanista de cidadãos. Uma das especialistas na matéria, Heloísa Lück, doutorada em Educação pela Columbia University e docente na Universidade Pontifícia Católica de Curitiba, apresenta a gestão como dimensão fundamental da educação pessoal e social. Transcrevemos a definição de Lück (2009), dada por Menegat, Sarmiento e Rangel (2018): *"A gestão escolar constitui uma das áreas de atuação profissional na educação destinada a realizar o planejamento, a organização, a liderança, a orientação, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos processos necessários à efetividade das ações educacionais orientadas*

¹⁰¹ MURAD; GOMES; RIBEIRO, 2010, p. 83.

¹⁰² MURAD, 2007, p. 28.

para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos (Lück, 2009, p. 23).¹⁰³

Ainda segundo Basílio Domingos, Luck discorre acerca da complexidade da atuação da gestão escolar como mediadora nas ações políticas e educacionais transformadoras, as quais favorecem condições para a melhoria do processo ensino-aprendizagem. Como é elucidado a seguir:

A pedagoga desenha a gestão escolar como uma área de atuação complexa que tem em linha de conta diretrizes políticas, ações educacionais e finalidades com possibilidade de nortear quer os alunos, quer os professores na transformação societal, introduzindo os elementos necessários que conduzam a uma melhoria. Mais adiante a autora enfatiza esta perspectiva acrescentando que o escopo da gestão escolar se consubstancia na educação, tendo como objetivo “promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas” (Lück, 2006, p. 26) com o objetivo de assegurar a melhoria “dos processos socio-educacionais” (ibidem) das escolas de modo a favorecer um aprendizado eficaz de/as estudantes. Para tal a gestão deve equilibrar a obtenção dos domínios teóricos, técnicos sociais, de modo a se enfrentarem desafios da sociedade atual, a qual é caracterizada por complexidades derivadas da globalização e de contextos tecnológicos.¹⁰⁴

Uma nova definição surge à luz do mesmo autor, em particular, sobre gestão e gestão pedagógica.

Nesse sentido, o autor supracitado remete à dimensão do quão importante é a gestão escolar, e em especial a gestão pedagógica na garantia do sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Ele ainda orienta quanto à gestão pedagógica, pois é essa que norteia todo processo, que irá garantir aos discentes sujeitos a participação efetiva e ativa, desenvolvendo assim o seu potencial e habilidades cognitivas necessários a seu desenvolvimento acadêmico.¹⁰⁵

Ainda sobre a ética e gestão escolar, Domingos mostra sua concepção acerca desta temática, afirmando:

A ética, entendida como reflexão e representação dos valores que determinam a ação humana em interação com os outros e com o mundo, está presente na ação da gestão escolar, seja no plano organizacional e gestor da escola, seja na intercomunicação com professores, colegas, pessoal não docente, pais ou encarregados de educação; seja na promoção do processo de ensino-aprendizagem. A gestão escolar deve assumir um forte compromisso da promoção de ética e valores, na construção de um mundo melhor para a humanidade. É neste sentido contributivo da gestão escolar que nos centramos na ética e nos valores como papel fundamental

¹⁰³ DOMINGOS, Basilio. **Ética e valores na gestão escolar**. Um estudo na escola de 2 ciclo de ensino secundário em Moçamedes - Angola Universidade de Evora, 2020. Disponível em: http://www.rdp.uevora.pt/bitstream/10174/28684/1/Doutoramento-Ciencias_da_Educacao-Basilio-Domingos.pdf. Acesso em: 22 set. 2022, on-line.

¹⁰⁴ DOMINGOS, 2020, on-line.

¹⁰⁵ DOMINGOS, 2020, on-line.

na gestão escolar e na formação de uma identidade prática, socialmente sadia, dotada de auto-respeito (reconhecimento de si como sujeito de direitos e deveres) e de hetero-respeito (reconhecimento da alteridade e da comunidade como espaço comum do agir ético).¹⁰⁶

Já a autora Ana Maria Borges de Souza leva ao entendimento de gestão do cuidado, quando afirma:

É a complexidade dessa gestão que adorna o eterno enamoramento de uma pedagogia onde aprender é um inacabável campo de possibilidades, nunca um dever, porque a lógica que lhe dá sustentação é a do poder-ser o que já se é, em movimento. Essa gestão qualifica, promove, impulsiona, eleva cada um aos lugares mais nobres e dignos de nossa humanidade. Essa gestão não se autojustifica para reduzir sua participação no processo, não lida com rótulos e não admite que qualquer estereótipo seja criador de uma identidade, que qualquer discriminação impute ao outro um canto de solidão e desamparo, que qualquer forma de segregação ocupe espaços de importância na sua pedagogia. A gestão do cuidado prima para que a escola se afirme como um “nicho vital³”, onde indivíduo e meio encontram congruência na interação, conservando e expandindo a vida na relação entre conhecimento e mundo. A escola, orientada pela gestão do cuidado na formação humana e na capacitação de sua comunidade, rejeita qualquer processo que produza exclusões, nega qualquer manifestação de desrespeito, porque pratica, pelo exemplo, o desenraizamento das indiferenças. É uma escola geradora de adaptabilidades cognitivas para o encontro com o ainda não conhecido e, por isso, não permite que os negativismos deterministas fiquem encalhados como entulhos que restringem e disjuntam pessoas e saberes. Conhecedora das lógicas excludentes e do alastramento das insensibilidades que as acompanham, essa escola não se sujeita a reproduzir em seu microcosmo os ritos de segregação que dizem povos e nações no modelo atual de sociedade; então, é uma escola que problematiza continuamente seu papel social e enfatiza uma visão de ação educativa como promotora de múltiplas experiências de aprendizagem.¹⁰⁷

Correlacionando conceitos e teorias sobre uma gestão direcionada pela ética do cuidado, ficam evidenciados pontos convergentes em relação ao entendimento da referida gestão por estudiosos da área.

Nessa perspectiva, tanto Basílio Domingo influenciado por Luck, quanto Sousa apresentam uma visão aproximada dos aspectos que norteiam a gestão do cuidado.

Torna-se necessária uma gestão escolar, direcionada ao cuidar e que promova valores éticos no ambiente da instituição. Vale salientar que autor e autora compactuam que a equipe gestora protagoniza um papel de grande importância.

¹⁰⁶ DOMINGOS, 2022, on-line.

¹⁰⁷ SOUZA. Ana Maria Borges de. **Violência e fracasso escolar**: a negação do outro como legítimo outro. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002, p.179.

Segundo eles é o grupo gestor que irá promover estratégias e intervenções, para proporcionar na instituição escolar formação de sujeitos ativos, munidos de valores éticos e do cuidado com o outro e a outra.

Sob essa ótica, é necessário que a gestão em questão, tendo como alicerce o respeito, a responsabilidade, o compromisso e as atitudes democráticas, forme cada vez mais cidadãos/as participativos/as, autônomos/as e protagonistas do seu processo de ensino-aprendizagem. Como consequência desse movimento, capacitam-se discentes promotores e promotoras do seu potencial desenvolvimento intelectual, emocional e social sem passar por discriminações ou exclusões na comunidade escolar ou na sociedade nas quais estejam inseridos.

3.5 DIRECIONAMENTO DAS PESSOAS DOCENTES

Souza mostra sua percepção quanto à responsabilidade da escola e da gestão escolar na formação humana através de uma gestão do cuidado e na capacitação de crianças e jovens, como se pode verificar em:

Desse modo, compreendo que a ética pedagógica tem por base a afetividade qualificadora, um sentido de vida que não se efetiva separado de uma estética cuidadora e que não tem vergonha de “mostrar que o prazer pode ser vivido como um modo de apropriar-se do mundo, em oposição às doutrinas ascéticas, para as quais ele só pode ser medido pela produção.” (MAFFESOLI, 1996, p. 17). Aprender é um direito prazeroso, é uma dinâmica que encanta como ao artista que compõe sua paisagem a partir de cada peça que integra ao mosaico, com alegria criadora; portanto, não é um dever moral. O aprender não está dissociado da construção da liberdade e esta se afirma pela responsabilidade criativa. Se a ética é a responsabilidade consigo e com o outro, inclusive de ser feliz, a estética é ensinada como capacidade de sentir em comum, de ser-estar em comunhão, de manifestar sentimentos de comunidade, de não competir para ser certificado de melhor ou pior. A escola não é uma esteira de produção e os educandos não são mercadorias que precisam ser avaliadas por controle de qualidade. Também não é uma pista de equitação porque os aprendizes não são equinos que partem de um mesmo ponto para disputar o primeiro lugar, mesmo que, para isso, tenham que pisotear, machucar seus pares porque ali são adversários.¹⁰⁸

Ainda sobre essa temática, Souza deixa evidenciada a eminência de uma gestão voltada para a ética do cuidado com o ser humano. Gestão essa, que urge privilegiar o ambiente escolar como espaço de boa convivência, respeitando os

¹⁰⁸ SOUZA, 2002, p. 179.

limites e as diferenças peculiares de cada pessoa do grupo. Isso favoreceria o sentimento de pertencimento de cada elemento da comunidade escolar.

A concepção da autora é percebida, quando ela afirma:

A escola é um espaço de expansão da vida porque é um lugar de conhecimento. É porque conhecemos que nos conservamos vivos e, do mesmo modo, é porque permanecemos vivos que conhecemos. Ainda acredito que a escola é a instituição, por excelência, responsável pela gestão do cuidado na formação humana e na capacitação de crianças e jovens. É especialmente na escola que esses sujeitos aprendem, pela convivência, a construir mundos possíveis, pautados em relações éticas de prestígio do outro em sua legitimidade, constituído por diferenças, singularidades, limites e possibilidades e, ainda, constituído por impregnações estéticas que lhes fazem desenvolver um sentimento de grupo à medida que desenvolvem, no processo pedagógico, o sentimento de pertencimento à coletividade.¹⁰⁹

Após a abordagem anterior sobre os ganhos em se trabalhar com uma gestão voltada para a ética do cuidado, direciona-se o estudo para a necessidade de qualificação da equipe multidisciplinar para alunos e alunas disléxicas, introduzindo-se a importância da multidisciplinaridade no ambiente escolar.

As autoras Santiago e Omode estabelecem a importância do psicopedagogo, nesse processo, como é comprovado a seguir:

O psicopedagogo tem a oportunidade de ser um grande auxiliar, tanto no diagnóstico quanto no auxílio na vida diária do professor com o aluno disléxico. Para tanto, as ações de intervenção pedagógica podem auxiliar e direcionar o professor a trabalhar como um agente inclusivo, com o suporte e orientação do psicopedagogo que oferecerá conhecimentos basilares para sua ação cotidiana. Além disso, poderá oferecer ao professor e conseqüentemente à escola como um todo, a oportunidade de incluir sem grandes problemas e dificuldades os alunos diagnosticados com dislexia e também a identificar e incluir os alunos já ingressos que apresentarem sinais característicos do distúrbio.¹¹⁰

As autoras supracitadas enfatizam a eminência de profissionais da educação capacitados e comprometidos com a inclusão de discentes disléxicos. Não só ao professor cabe esse desafio, no entanto, o corpo docente, obviamente, tem que ser promotor de inclusão, ser articulador, inovador, estrategista e criativo. O professor e a professora precisam e devem ser condutores de cuidado com as pessoas com a

¹⁰⁹ SOUZA, 2002, p. 188.

¹¹⁰ SANTIAGO, A.M.S.; FONSÊCA, A.L.B. **Psicologia e suas interfaces**: estudos interdisciplinares [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, 311 p. ISBN 978-85-232-2007-5. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523220075>. Acesso em: 22 maio 2022, on-line.

dislexia, não só as conduzir no ambiente escolar, mas na vida social como um todo. Além disso, há a necessidade de potencializar esse cuidado e direcionamento para o ambiente familiar e social do adolescente e da criança disléxica.¹¹¹

A autora Fabiana Araujo Lima Teixeira leva a refletir sobre as diferentes possibilidades que as pessoas docentes têm que acrescentar a sua prática pedagógica alternativas que oportunizem a essas pessoas jovens disléxicas a superarem as suas limitações de aprendizagem, como é notório a seguir:

Em todos os segmentos escolares é possível existir aluno com dislexia. Este transtorno de aprendizagem é perceptível através de sinais tais como, dificuldade de aquisição da leitura e da escrita, desatenção, dificuldade em copiar da lousa ou de livros, falta de coordenação motora fina, desorganização geral, atrasos na entrega de tarefas, vocabulário pobre, falta de habilidade em manusear e consultar livros e dicionários Smith (2001). O aluno disléxico não tem comprometimento em sua inteligência, mas limitações no aprendizado. Por isso, a utilização de recursos e alternativas específicas para essa necessidade são essenciais. Cabe ao professor oportunizar ao aluno ferramentas adequadas para a construção de conhecimento. Para que o acesso ao conhecimento seja oportunizado e a garantia de inclusão seja efetiva, os professores necessitam de uma formação, isto é, conhecerem os recursos disponíveis na promoção de uma sala de aula voltada para a individualidade dos alunos. Incluir, ou seja, promover meios para que o aluno construa conhecimento com a sua turma, da sua forma, em um ambiente educacional com professores preparados e que garantem sua ação pedagógica.¹¹²

A mesma autora infere o quanto está em evidência o uso da tecnologia assistida voltada para pessoas com deficiência ou que apresentem algum transtorno de aprendizagem, como é o caso da dislexia. Levando em consideração esse aspecto, ela afirma que a Tecnologia de Informática e Comunicação (TIC) é uma forte aliada no desenvolvimento, participação, interesse e autonomia no processo ensino-aprendizagem destas pessoas disléxicas.¹¹³

Ainda em relação ao disposto, Teixeira faz alusão a Bersch, o qual dialoga com a autora convergindo, quando traz a indagação reflexiva sobre as TIC's. Ele as caracteriza como facilitadoras, mobilizadoras e produtoras de habilidades e potencial

¹¹¹ SANTIAGO; FONSÊCA, 2016, on-line.

¹¹² TEIXEIRA, Fabiana de Araujo Lima. **Área de Especialidade:** Tecnologias Digitais. Universidade de Lisboa. 2018. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37778/1/ulfpie053262_tm.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022, on-line.

¹¹³ TEIXEIRA, 2018, on-line.

de pessoas com deficiência, e conseqüentemente das pessoas disléxicas, ou determinados distúrbios de aprendizagem.¹¹⁴

Sobre essa questão, ainda, a autora leva a refletir acerca do desafio da formação do docente. Neste sentido é de conhecimento geral que além dessa formação continuada, é de fundamental importância também ter nas escolas laboratórios de informática equipados adequadamente com ferramenta tecnológica à disposição de discentes e docentes.¹¹⁵

É indiscutível que esse desafio pode ser superado, mas para isso é de extrema relevância a adequação da formação docente e da realidade de cada instituição escolar, para que haja recursos e práticas inovadoras inclusivas, a fim de facilitar o desenvolvimento potencial e acadêmico das pessoas disléxicas que precisam de cuidado e de estratégias especiais no seu processo escolar.¹¹⁶

Ainda contemplando a temática do cuidar por parte dos docentes, vale salientar que Assmann Hugo e Gadotti Moacir¹¹⁷ dialogam entre si, em concordância à necessidade de paixão e dedicação de educadores e educadoras na tentativa de sanar os desafios do processo ensino-aprendizagem, mesmo diante de inúmeros obstáculos impostos a profissionais da educação.¹¹⁸

O texto de Assmann remete a um questionamento da eficácia acerca das práticas pedagógicas.¹¹⁹ Como ser um docente atualizado, inovador, criativo, amoroso e estimulador dentro do processo ensino-aprendizagem?

Essa percepção orienta a um processo de transformação nos fazeres pedagógicos, ampliando os horizontes de ações em sala de aula e promovendo uma educação participativa, prazerosa e emancipadora, como nos sugere Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da autonomia*.¹²⁰

Nesse sentido se faz necessário sair do seu cantinho do pensamento e agir em prol de uma docência que leve o aluno a ser curioso, questionador, crítico e

¹¹⁴ TEIXEIRA, 2018, on-line.

¹¹⁵ TEIXEIRA, 2018, on-line.

¹¹⁶ MARTINS, Vicente. **O Papel dos Pais na Formação Leitora dos Filhos**. Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Sobral: UVA, 2003, p. 117

¹¹⁷ GADOTTI, Moacir. Educação de jovens e adultos: problemas e perspectivas. In: GADOTTI, Moacir & ROMÃO E. José (org.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 2. ed. Revista, São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000, p. 45.

¹¹⁸ ASSMANN, Hugo. **Crítica à lógica da exclusão**. Ensaios sobre economia e teologia. São Paulo: Paulus, 1994, p. 88. (Coleção Temas de Atualidade).

¹¹⁹ ASSMANN, 1994, p. 89.

¹²⁰ GADOTTI, Moacir. (2000). **Educação de jovens e adultos**: problemas e perspectivas. In: GADOTTI, Moacir & ROMÃO E. José (org.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 2. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008, p. 92.

participativo, exercitando assim seu poder de reciprocidade e de sujeito ativo em todo o processo ensino-aprendizagem. A partir da curiosidade crítica em detrimento da curiosidade ingênua, mencionada pelo autor, que o discente se torna consciente do seu protagonismo na dinâmica de construção de sua formação para o mundo e para a vida.

Partindo da abordagem de Gadotti no referido livro, reflete-se sobre a relação de poder presenciada no ambiente escolar, vivenciada também por alunos e alunas em sala de aula. Docentes despreparados e sem vocação para exercerem essa profissão transformam seus discentes em baús de conteúdo. Neste sentido, vale salientar o posicionamento de Paulo Freire em *Teoria da autonomia* de se contrapor a essa prática pedagógica, nos remetendo a uma atitude docente baseada na alegria, na criatividade, no respeito, no diálogo, na reflexão e na reciprocidade.¹²¹

O educador que parte da estratégia Freiriana supracitada, certamente irá contemplar o princípio de educar para uma vida sustentável abordado por Gadotti. Professora e professor precisam se reinventar transformando suas práticas e suas experiências em realidade que contemple os protagonistas do processo ensino-aprendizagem em uma construção de saber individual com dimensão coletiva na realidade dos sujeitos dessa relação.¹²²

O filme *Como Estrelas na Terra: toda criança é especial*¹²³ retrata muito bem a grande importância do/a docente no lidar com o transtorno da dislexia em ambiente escolar, assim como as ações desempenhadas por ele/a se estendem ao âmbito familiar e social de discentes disléxicos/as. Nesse filme, Ishaan, o garoto protagonista, passa por várias decepções por não ser compreendido. A sua família é muito tradicional e disciplinada e vê o menino como garoto problema por não saber que a criança é disléxica. Ishaan passava pelo sofrimento de ser comparado o tempo todo com o irmão mais velho, que era o orgulho dos pais, o número 1 na escola e no esporte. O garoto era visto como desinteressado, irresponsável e preguiçoso, fora do padrão da família, da escola e da sociedade na qual estava inserido. No entanto, o menino era sonhador, criativo e valorizava as pequenas

¹²¹ GADOTTI, *apud* GADOTTI; ROMÃO, 2008, p .64.

¹²² GADOTTI, 2000.

¹²³ Um professor de artes não-convencional ajuda um estudante de oito anos com distúrbio de aprendizagem a descobrir seu verdadeiro potencial. Data de lançamento: 21 de dezembro de 2007 (Índia) Diretores: Aamir Khan, Amole Gupte Produção: Aamir Khan Autor: Amole Gupte Roteiro: Amole Gupte.

coisas da natureza, ele se sentia coagido, amedrontado e isolado naquela comunidade tradicionalista.¹²⁴

Cansado de tanta humilhação, ele não queria ir mais à escola, chegando a falsificar com a ajuda do irmão um documento para não ir para aula, até que os seus pais descobriram o caos que estava a sua vida escolar. Por isso, eles resolveram matriculá-lo em um colégio interno ainda mais tradicional. Ele sofreu muito por se separar de sua família, não entendia por que estavam fazendo isso com ele.¹²⁵

O sofrimento dele continuou na nova instituição escolar. Até que chegou à escola o novo professor. Esse era diferente dos outros docentes, o professor Nikumbh era criativo, inovador. Através do lúdico ele atraiu a atenção das crianças, inclusive a de Ishaan. O docente teve um olhar cuidadoso de valores direcionado ao garotinho, respeitou o seu tempo, buscou informações e respostas sobre ele. Chegou até a procurar os pais de Ishaan e conseguiu envolvê-los na busca da solução do problema do filho deles e descobriu que o menino tinha um grande potencial em artes.¹²⁶

Mediante diversas estratégias criativas, o educador conseguiu atrair a atenção do menino. A partir do momento que o garoto sentiu-se valorizado, amado e compreendido passou a interagir no processo ensino-aprendizagem, e conseqüentemente no grupo familiar, que por sua vez, passou a compreender e ter orgulho em tê-lo como membro da família.

Toda essa mudança na vida de Ishaan deu-se graças à empatia do professor, já que ele também sofreu com o transtorno da dislexia quando criança, e passou por preconceitos, discriminação e exclusão durante a sua trajetória escolar. O docente deu exemplo de como lidar com crianças e adolescentes com dislexia aplicando a ética do cuidado. Dentre as estratégias utilizadas por ele estão: uso de ações do dia a dia do aluno, confiança e segurança do discente, uso da escada para a contagem, caixa de areia para sentir o relevo, desenho de letra no braço do menino entre outros. O professor realizou um concurso de pintura no qual Ishaan foi campeão da escola, o que contribuiu para que o menino fosse ainda mais valorizado, respeitado e admirado por todo o grupo escolar.¹²⁷

¹²⁴ COMO ESTRELAS NO CÉU: toda criança é especial, Drama. Direção Aamin. Índia. 2007.DVD.

¹²⁵ COMO ESTRELAS NO CÉU, 2007. DVD.

¹²⁶ COMO ESTRELAS NO CÉU, 2007. DVD.

¹²⁷ COMO ESTRELAS NO CÉU, 2007. DVD.

Fazendo um paralelo entre o filme e os fundamentos de Mello¹²⁸ fica notório que tais habilidades presentes na criança disléxica devem ser identificadas e estimuladas por docentes no ambiente escolar, de acordo com a necessidade de cada discente. Essa abordagem leva ainda a refletir sobre o déficit de aprendizagem que também tem que ser percebido para que haja ação imediata por parte de docentes interventores/as no transtorno da dislexia.

No filme pode-se presenciar essa concepção supramencionada, pois o professor Nikumbh teve o cuidado de identificar o transtorno da dislexia de Ishaan e definiu estratégias para apurar as suas dificuldades e habilidades potenciais. Dessa forma, através do cuidar, do carinho e da dedicação ele conseguiu não só corrigir as limitações do garoto, mas também aflorar a sua habilidade em Artes, inserindo o aluno completamente no processo ensino-aprendizagem de sua comunidade escolar.¹²⁹

Portanto, fica aqui evidenciado que o desconhecimento do que seja “dislexia” por parte do corpo administrativo de gestão e das pessoas docentes da escola é um dos grandes problemas para o tratamento adequado do transtorno, de forma a se conseguir minimizar as consequências prejudiciais e comprometedoras para a não-inclusão da pessoa com dislexia na normalidade socioeducacional. Há uma carência nas instituições de formação de profissionais de educação no ensino dos principais transtornos de aprendizagem. Faz-se necessária uma mudança na grade curricular dos cursos de formação de professores/as e educadores/as.¹³⁰

O investimento na capacitação desses/as profissionais em conhecimentos específicos de psicopedagogia e no conhecimento em ética do cuidado pelo grupo gestor não solucionaria todo o problema da educação, porém minimizaria o sofrimento de estudantes disléxicos/as e com outros transtornos de aprendizagem que “padecem”, dia a dia em salas de aulas. Um outro recurso que poderia também ajudar a vencer a barreira do desconhecimento seria o incentivo à pesquisa acadêmica, pois a pessoa educadora estaria mais capacitada a solucionar

¹²⁸ LOPES, A.; MELLO, S. Informática, Inteligência e Dislexia. *In. Tecnologia em (Re) Habilitação Cognitiva*: uma perspectiva multidisciplinar. São Paulo: EDUNISC, 1998, p. 35.

¹²⁹ COMO ESTRELAS NO CÉU, 2007. DVD.

¹³⁰ MARTINS, Vicente. **Dislexia**: uma doença da classe média. 2000. Disponível em: www.eduquenet.net. Acesso em: 22 maio 2022, on-line.

problemas diários com um embasamento coerente e de cunho científico, além de estar apto a elaborar ou participar de projetos psicopedagógicos.¹³¹

Na elaboração desta dissertação, ficou também definido que a língua escrita é uma segunda forma de usar a linguagem que se inicia pela língua oral. Acreditar que a facilidade de aquisição da língua oral se prende, primordialmente, à qualidade de competência linguística do sujeito pode deixar de enfatizar tanto a importância da qualidade da estimulação externa, já que ela acontece de forma inadequada, provavelmente, numa porcentagem muito menor do que os distúrbios de aquisição e desenvolvimento da língua oral. Muitas crianças sem distúrbios de língua oral foram criadas em ambientes adversos, com estimulação global pobre e, até mesmo, com carência alimentar ao contrário de outras que, com ambiente e estimulação satisfatórias e boa alimentação, apresentam esses distúrbios.

Havendo comprovação de distúrbios de língua oral, antes da aquisição da transcodificação em língua escrita, é permitido predizer que haverá distúrbio de aprendizado. Por tal fato, a estimulação adequada deverá ter início, através de aconselhamento fonoaudiólogo aos responsáveis e docentes (possibilidade frente à déficits leves), após avaliação do caso por uma profissional de psicopedagogia.

Os passos cuidadosos da transcodificação da linguagem oral para a linguagem escrita poderão ficar mais claros, dinâmicos e sistemáticos para família e escola, a partir de uma orientação profissional especializada. Não há que temer ou evitar a leitura oral e o ditado. Eles são parte do aprendizado da transcodificação.

Outra consequência da dislexia é a defasagem de aprendizagem que é mais um dos empecilhos à permanência do estudante na escola, pois esse não consegue acompanhar as atividades escolares e conseqüentemente acabam abandonando a escola. Para solucionar a questão se faz necessária a construção de uma política de integração entre gestão da ética do cuidado, família, discente, corpo docente e psicopedagogo, fator de supra importância no tratamento da dislexia, na prevenção da evasão e na inclusão do discente na vida escolar. A identificação desses aspectos requer um debruçamento sobre eles para que a escola conheça e reflita sobre os diferentes aspectos que permeiam o decorrer de suas atividades político-pedagógicas.

¹³¹ DAVIS, RONALD. **O Dom da Dislexia**: o novo método revolucionário de correção da dislexia e de outros transtornos de aprendizagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, p. 61.

Infelizmente, o próprio sistema educacional, de onde se espera a competência para o diagnóstico precoce das dificuldades pertinentes à aprendizagem, não consegue dar conta dos problemas. Os/as educadores/as não possuem informações específicas para identificar, no seu espaço de sala de aula, alunos e alunas que apresentam indícios de alguma dificuldade de aprendizagem. Isso significa dizer que esse/a educador/a também não terá condições de avaliá-los, tendo em vista que a avaliação é um processo contínuo e permanente do desenvolvimento das competências e habilidades.¹³²

¹³² FONSECA, 2016, p. 75.

4 CONCLUSÃO

A presente dissertação fora dividida em duas partes sendo que a primeira voltada para o entendimento sistemático sobre a dislexia, assim como sua definição e caracterização, sob a lente de diversos e renomados teóricos especializados nessa área de estudo; já a segunda parte está direcionada ao estudo da ética do cuidado, à gestão escolar e ao encaminhamento por parte de docentes e gestores/as, fazendo uma conjectura com a dislexia, para lidar com o transtorno no ambiente escolar.

Notou-se que ainda se faz necessária a ampliação das discussões acerca dessa temática, a fim de minimizar os preconceitos e amplificar o acolhimento educacional quanto aos discentes, estendendo-se para o âmbito familiar e social, o que daria segurança às crianças e aos adolescentes disléxicos, reduzindo a evasão escolar.

Ficou evidenciado que as equipes de trabalho dos estabelecimentos de ensino precisam promover estudos internos para evitar que discentes com distúrbio de dislexia fossem discriminados/as pelos/as colegas ditos/as “normais”. Todo o corpo escolar poderia dar o devido aporte, de modo a atender os discentes e as discentes em suas necessidades especiais.

Para a promoção de um clima ético e de respeito às alteridades, é preciso que as pessoas gestoras estejam na linha de frente, apoiando tanto a clientela estudantil quanto os seus docentes.

Conforme identificado, nota-se que com a propagação de informações sobre o tema e com as ações interventivas propostas por uma gestão escolar baseada em valores éticos podem-se minimizar o preconceito no ambiente escolar para com esses discentes.

A intervenção por parte das pessoas deverá ser feita utilizando-se da ética do cuidado que tem como alicerce o respeito, a responsabilidade e o compromisso e promovendo estratégias através de atitudes democráticas, formando assim discentes autônomos/as e protagonistas do seu processo aprendizagem.

As autoridades governamentais podem contribuir por meio de uma legislação mais específica e direcionada para as pessoas com transtorno da dislexia, já que a

legislação vigente abrange as pessoas com deficiência como todo, o que evidencia a importância de um estatuto para pessoas disléxicas, bem como investir na formação de profissionais da educação, para se aprofundarem no conhecimento do tema e nas possíveis intervenções.

Referente à discriminação por parte de outras crianças aos discentes disléxicos e disléxicas, ademais toda a comunidade escolar pode contribuir para amenizar esse conflito na unidade de ensino. À medida que a gestão promove ações de valores éticos, de inclusão e de informação, articulando juntamente com o corpo docente, estratégias para conduzir, no âmbito do ambiente escolar, a empatia entre discentes disléxicos e não disléxicos acontece uma inclusão mais efetiva no processo educativo desses estudantes com dislexia.

Assim, é notória a necessidade da solicitação de parcerias específicas, principalmente das autoridades governamentais, para ajudar com as devidas intervenções, como na contratação de psicopedagogos e outros profissionais da área, assim como na aquisição de recursos materiais para a realização de atividades, objetivando a resolução do problema. Não é e nem será uma tarefa fácil, mas é um bom começo, para que todos tenham os seus direitos respeitados e em consequência disso, validados.

Em virtude dos fatos mencionados, é de fundamental importância que as pessoas gestoras estejam atentas ao que docentes e corpo profissional da escola sinalizam sobre os eventuais problemas da instituição, por isso dirigentes escolares precisam estar a par de tudo que acontece dentro e fora da unidade de ensino, de modo a intervir de maneira positiva e orientar a toda a comunidade escolar, para que o trabalho em conjunto seja sinérgico, só assim esses conflitos serão amenizados.

Em vista do exposto, pode-se afirmar que é necessário contextualizar aspectos da aprendizagem, baseando-se no problema em pauta, bem como analisar a atuação das equipes de trabalho das unidades escolares acerca da resolução do problema apresentado, além de elencar as habilidades de uma gestão equilibrada baseada em valores éticos do cuidado.

Foi verificado que das dificuldades de aprendizagem relacionadas à linguagem que perpassam o ambiente educativo, a dislexia é a de maior intensidade no processo de ensino aprendizagem, entre todas as deficiências.

Reiterando o pontuado por Estill¹³³, a escola não é somente o lugar de aprendizagem acadêmica, mas também o da aprendizagem da vida. O autor continua enfatizando, ao afirmar que é preciso haver lugar para todos, pois é através da convivência e da aceitação das diferenças pessoais, que todos aprendem a construir uma humanidade com valores de justiça e generosidade.

Por fim, percebeu-se que a aplicabilidade de uma gestão orientada por valores do cuidar ocorre de forma pontual e individualizada, já que nem todos os componentes da comunidade escolar estão inseridos em uma gestão que tem como valor essencial o cuidado. Tal gestão impacta diretamente no acolhimento e no desenvolvimento do potencial cognitivo e de habilidade específicas de discentes disléxicas e disléxicos.

Ademais, como afirma Murad, a espiritualidade diz respeito ao cuidar individual e coletivo, e de vida saudável das pessoas. É preciso haver uma valorização da espiritualidade, haja vista que em regra a gestão é voltada para o mercado, objetivando principalmente o lucro, recorrendo ao sagrado apenas em tempos de crise e desafio, quando na verdade deveria ser aplicável diariamente, valorizando o respeito, a inclusão e a fraternidade, fundamentos estes inerentes a uma gestão voltada para a ética do cuidado.

A pesquisa foi realizada direcionada ao ambiente educacional, em suma às instituições públicas de ensino básico, enfatizou o desenvolvimento de estratégias por parte das pessoas gestoras, tanto para resolver questões voltadas à dislexia, quanto para minimizar o preconceito sofrido pelas pessoas disléxicas, contribuindo para sua ressocialização.

¹³³ESTILL, 2003, p. 5.

REFERÊNCIAS

- ALLIENDE, Felipe, CONDEMARÍN, Mabel. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- ASSMANN, Hugo. **Crítica à lógica da exclusão**. Ensaios sobre economia e teologia. São Paulo: Paulus, 1994. (Coleção Temas de Atualidade).
- BARCELLOS, Leonardo (org.). **Metodologia da Pesquisa: Técnicas Introdutórias de Estudo**. Módulo I. São Paulo: Cândido Mendes, 2004.
- BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. Espiritualidade nas empresas. *In*: PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de (org.). **Buscar sentido e plenitude de vida: bioética, saúde e espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 253-244 e MURAD, Afonso. Gestão e espiritualidade: uma porta entreaberta. São Paulo: Paulinas, 2007, p 121-156. BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 27 ago. 2022.
- BAUER, James J. **Dislexia: ultrapassando as barreiras do preconceito**. Tradução de Maria Ângela Nogueira Nico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- BOFF, Leonardo. **O eclipse da ética na atualidade**, 2018. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2018/07/15/o-eclipse-da-etica-na-atualidade/>. Acesso em: 10 out. 2022.
- BOFF, Leonardo. **Grande frente de valores ético-sociais**, 2018. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2018/11/01/grande-frente-de-valores-etico-sociais/>. Acesso em: 10 out. 2022.
- BOFF, L. **O cuidado essencial: princípio de um novo ethos**. Inclusão Social, [S. l.], v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 17 de jan. de 2022.
- BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 1996.
- BRASIL. Lei Nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, 2021.
- BRENNER, Eliana de Moraes. **Manual de Apresentação de Trabalhos Acadêmicos**. Salvador: Fabac, 2002.
- BRYANT, P.; BUARQUE, L.; NUNES, T. **Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

- CALAFANGE, MF. **Dislexia em Questão**: quando o professor faz a diferença. 2001. Disponível em: www.aescola.com.br. Acesso em: 22 set. 2021.
- CALAFANGE, S. **Dislexia ou Distúrbio da Leitura e da Escrita?** 2001. Disponível em: www.eduquenet.net. Acesso em: 24 set. 2021.
- CAPOVILLA, A.; CAPOVILLA, F. Crianças com Dificuldades em Escrita: perfil cognitivo no internationaldyslexiaseset. **Revista Latina y Pensamiento y Lenguaje y Neuropsychologia Latina**. Madri, 2001.
- CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C. **Problemas de Leitura e Escrita**: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. São Paulo: Mennon, 2000.
- CAPOVILLA, Alessandra G. S.; CAPOVILLA, Fernando C. **Alfabetização**: método fônico. São Paulo: Mennon, 2002.
- CIASCA, S. (org.) **Distúrbios de Aprendizagem**: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- COMO ESTRELAS NO CÉU: toda criança é especial. Drama. Direção Amin. Índia. 2007. DVD.
- DAVIS, RONALD. **O Dom da Dislexia**: o novo método revolucionário de correção da dislexia e de outros transtornos de aprendizagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- DOMINGOS, Basilio. **Ética e valores na gestão escolar**. Um estudo na escola de 2 ciclo de ensino secundário em Moçamedes - Angola Universidade de Evora, 2020. Disponível em: < http://www.rdpc.uevora.pt/bitstream/10174/28684/1/Doutoramento-Ciencias_da_Educacao-Basilio-Domingos.pdf >. Acesso em: 22 set. 2022.
- ECO, Humberto. **Como se Faz uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- ELLIS, A. **Leitura, Escrita e Dislexia**: uma análise cognitiva. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- ESTILL, Clélia Argolo. **Para Início de Conversa**. São Paulo: AND, 2003.
- FERRAZ, Carlos Adriano. **Elementos de ética**. Pelotas: NEPFIL online, 2014. Disponível em: <http://nepfil.ufpel.edu.br>. Acesso em: 22 set. 2022.
- FONSECA, Vitor. **Dificuldade de aprendizagem**. 5. ed. Wak, 2016.
- GADOTTI, Moacir. (2000). Educação de jovens e adultos: problemas e perspectivas. *In*: GADOTTI, Moacir & ROMÃO É. José (org.). **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. 2. ed. revista, São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire.
- GENES, Milton. **Transtorno do Déficit de Atenção Com e Sem Hiperatividade**. Rio de Janeiro: UFF, 2004.
- GUEDES, Enildo Marinho. **Curso de Metodologia Científica**. Curitiba: HD Livros, 1997.
- HOUT, A.; ESTIENNE, F. **Dislexias: descrição, avaliação, explicação, tratamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

- HURKA, Thomas. **Éticas teleológicas**. 2008. Disponível em: <https://criticanarede.com/teleologicas.html>. Acesso em: 10 out. 2022.
- LOPES, A.; MELLO, S. Informática, Inteligência e Dislexia. *In*. **Tecnologia em (Re) Habilitação Cognitiva: uma perspectiva multidisciplinar**. São Paulo: EDUNISC, 1998.
- LUBISCO, M.L. Nídia; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de Estilo Acadêmico**. Salvador: EDUFBA, 2003.
- MARTINS, Vicente. **Linguística Aplicada às Dificuldades de Aprendizagem Relacionadas com a Linguagem: dislexia, disgrafia e disortografia**. 2002. Disponível em: <http://sites.uol.com.br/vicente.martins/>. Acesso em: 10 set. 2022.
- MARTINS, Vicente. **O Papel dos Pais na Formação Leitora dos Filhos**. Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Sobral: UVA, 2003.
- MARTINS, Vicente. **Dislexia: uma doença da classe média**. 2000. Disponível em: www.eduquenet.net. Acesso em: 22 maio 2022.
- Morgan WP. A case of congenital word blindness. *In*: Shaywitz S.E.; Shaywitz B. A. Dislexia precoce e seu impacto sobre o desenvolvimento socioemocional inicial. **Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância**. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/disturbios-de-aprendizagem/segundo-especialistas/dislexia-precoce-e-seu-impacto-sobre-o>. Acesso em: 26 de jan. de 2022.
- MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto.; RIBEIRO, Súsie. **A casa da teologia 3**. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. v. 1.
- MUSZKAT, Mauro e RIZZUTTI, Sueli. **O professor e a dislexia**. São Paulo: Cortez, 2017.
- MORAIS, A. **Distúrbios da Aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: EDICON, 1997.
- MOUSINHO, R. Desenvolvimento da Leitura, Escrita e seus Transtornos. *In*. Goldfeld, M. **Fundamentos em Fonoaudiologia/Linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- MURAD, Afonso. **Gestão e Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- NICO, M. A. **Dislexia**. Disponível em: www.dislexia.org.br. Acesso em: 24 set. 2021.
- OLIVEIRA, Maria Rita de Oliveira. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: S.Camilo, 2003.
- PESSINI, Léo; BARCHIFONTAINE, Christian de P. **Buscar Sentido e plenitude de vida: Bioética, saúde e espiritualidade**. Campina Grande: São Camilo, 2020.
- SANTIAGO, A.M.S; FONSÊCA, A.L.B. **Psicologia e suas interfaces: estudos interdisciplinares [online]**. Salvador: EDUFBA, 2016, 311 p. ISBN 978-85-232-2007-5. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523220075>. Acesso em: 22 maio 2022.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002.

Shaywitz SE, Shaywitz BA. Dislexia precoce e seu impacto sobre o desenvolvimento socioemocional inicial. *In*: Tremblay RE, Boivin M, Peters RDeV, eds. **Enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância**. Disponível em: <https://www.encyclopedia-crianca.com/disturbios-de-aprendizagem/segundo-especialistas/dislexia-precoce-e-seu-impacto-sobre-o>. Acesso em: mar. 2006. Acesso em: 26 de jan. de 2022.

SILVA, M. **Centro de Formação José Pereira Tavares**. Associação de Escolas do Conselho de Aveiro. 2002. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/users/cmsilva/index.htm>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SOUZA. Ana Maria Borges de. **Violência e fracasso escolar**: a negação do outro como legítimo outro. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

TEIXEIRA, Fabiana de Araujo Lima. **Área de Especialidade**: Tecnologias Digitais. Universidade de Lisboa. 2018. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37778/1/ulfpie053262_tm.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

ZANCANARO, Lourenço. **Por uma ética do cuidado e da responsabilidade**. Entrevista concedida ao Instituto Humanas Unisimos. Adital. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/46782-por-uma-etica-do-cuidado-e-da-responsabilidade-entrevista-especial-com-lourenco-zancanaro>. Acesso em: 22 fev. 2022.

WHITAKER, R.; PINTO, S. Psicopedagogia e Dislexia: abordagem para atuar com alunos disléxicos. *In*. **Temas em Educação I**. São Paulo: Livro Jornadas, 2002.

